

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIVERSIDADE UNIVERSITÁRIA DE GOIÁS**

ANA IZABELA BRITO DE MORAES

**OS PROCEDIMENTOS DE ENSINO NA PRÁTICA DOCENTE DE
PROFESSORES DE GEOGRAFIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA
CIDADE DE GOIÁS (GO)**

**GOIÁS-GO
2013**

ANA IZABELA BRITO DE MORAES

**OS PROCEDIMENTOS DE ENSINO NA PRÁTICA DOCENTE DE
PROFESSORES DE GEOGRAFIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA
CIDADE DE GOIÁS (GO)**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Geografia da
Universidade Estadual de Goiás, para fins
avaliativos.

Orientadora: Profa. Ms. Karla Annyelly
Teixeira de Oliveira

**GOIÁS-GO
2013**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
Unidade Universitária de Goiás
Av. Dr. Deusdete Ferreira de Moura S/N - Centro - Cidade de Goiás
Tel/Fax: (0xx62)3936-2160/ 3936-2161- E-mail: sec.goiias@ueg.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor(a) do Trabalho: Ana Izabela Brito de Moraes

Título do Trabalho: "Os Procedimentos de Ensino na Prática Docente de Professores de Geografia da Educação Básica na Cidade de Goiás(GO)"

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso apresentada como exigência para obtenção do título de Licenciado em Geografia da Unidade Universitária da Cidade de Goiás - Universidade Estadual de Goiás(UEG).

Data da aprovação: 29/01/2014

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Ms. . Karla Annyelly Teixeira de Oliveira

Orientador(a)



Prof^º. Ms. Jean Molinari

Examinador(a)



Prof^ª Ms.Dominga Correia Pedroso Moraes

Examindador(a)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, por ter me abençoado, por ter me dado forças para que eu chegasse a esta fase do curso. Agradeço a minha mãe que me apoiou durante toda essa caminhada, e agradeço a professora Karla Annyelly, que me orientou para que esse trabalho se desenvolvesse e agradeço a banca, os professores Jean Molinari e Dominga Moraes, por ter aceitado a esse convite. Sem vocês não seria possível a realização deste trabalho.

À minha querida mãe que me apoiou durante toda essa trajetória, ao meu irmão Igor e a minha filha Izadora que amo muito.

RESUMO

O Ensino de Geografia cada vez mais está sendo discutido com muita relevância no âmbito educacional, devido a sua grande importância no currículo escolar de crianças e jovens, juntamente com as demais ciências. E para compreender o Ensino de Geografia nas instituições educacionais, é necessário entender de fato a natureza das relações entre docentes e discentes, aluno e conteúdo e conteúdo/professor. Então foi pensada e elaborada uma proposta sobre os procedimentos de Ensino na prática docente de professores de Geografia da educação básica na cidade de Goiás. Para compreender a importância do Ensino de Geografia e a importância dos procedimentos, o estudo contou com várias pesquisas bibliográficas, observações de aula e elaboração de planos de aulas com o uso do procedimento de ensino aula de campo. A aula de campo foi desenvolvida nas escolas juntamente com o conteúdo de cartografia e geografia de Goiás com os alunos de duas escolas estaduais sendo uma do 9º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio. O procedimento de ensino aula de campo é muito importante para o ensino de Geografia, por levar os alunos a terem contato com a realidade de ter a capacidade de observar e analisar fatos reais que são muito importantes para sociedade em geral e que através dessas aulas de campo os alunos poderão ter uma visão de teoria e prática, ou seja, ter um olhar crítico da realidade em que eles vivem.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia. Procedimentos de Ensino. Aula de Campo.

ABSTRACT

The Teaching Geography is increasingly being discussed with much relevance in the educational field, due to its great importance in the school curriculum for children and youth, along with the other sciences. And to understand the Teaching of Geography in educational institutions, it is necessary to really understand the nature of relationships between teachers and students, students and content and content / teacher. So was cleverly elaborated a proposal on procedures in teacher education practice of geography teachers of basic education in the city of Goiás and to understand the importance of Teaching Geography and the importance of the procedures, the study had several literature searches, observations lesson and preparation of lesson plans using the teaching field class procedure. The field class was developed in schools along with the contents of cartography and geography of Goiás with students from two state schools being one of the 9th year of the fundamental and 3rd year of high school. The procedure for teaching the class field, it is very important for the Teaching of Geography , lead students aterm touch with the reality of having the ability to observe and analyze real facts that are important to society at large and that through these classes field students will have an overview of theory and practice , ie , to have a critical look at the reality in which he lives .

Keywords: Teaching Geography. Teaching procedures. Class field.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	08
Capítulo 01 – PROCEDIMENTOS DE ENSINO NO ENSINO DE GEOGRAFIA	10
1.1 Elementos do ensino escolar	10
1.2 Ensino de Geografia	13
1.3 Procedimentos de ensino na Geografia	17
Capítulo 02 – PROCEDIMENTOS DE ENSINO NA PRÁTICA DOCENTE EM GEOGRAFIA NA ESCOLA DA CIDADE DE GOIÁS (GO)	21
2.1 Escola 01	21
2.1.1 Procedimento de ensino de Geografia na prática docente na escola	26
2.1.2 Procedimento de ensino de Geografia no Projeto Político Pedagógico	27
2.2 Escola 02	27
2.2.1 Procedimento de ensino de Geografia na prática docente na escola	30
2.2.2 Procedimento de ensino de Geografia no Projeto Político Pedagógico	30
Capítulo 03 – TRABALHO DE CAMPO NA PRÁTICA DOCENTE EM GEOGRAFIA	34
3.1 Cidade como conteúdo da Geografia Escolar	37
3.1.1 Trabalho de campo e o ensino de cidade na escola	39
3.2 Cartografia como conteúdo da Geografia Escolar	41
3.2.2 Trabalho de campo e o ensino de cartografia na escola	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE	49
Apêndice 01 Planos de aula realizado na escola I	50
Apêndice 02 Plano de ensino realizado na escola I	52
Apêndice 03 Plano de aula realizado na escola II	54
Apêndice 04 Atividades realizadas pelos alunos da escola I	55
Apêndice 05 Atividades realizadas pelos alunos da escola II	61

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ensino de Geografia cada vez mais está sendo discutido no âmbito escolar, devido a sua importância na educação de crianças e jovens. Por isso, o presente trabalho aborda o tema “Os Procedimentos de Ensino na Prática Docente de Professores de Geografia da Educação Básica na Cidade de Goiás (GO)”.

Para a compreensão dos procedimentos de ensino nessa área do conhecimento, é preciso levar em consideração alguns aspectos, problematizando-os da seguinte forma: Que relevância possui os procedimentos didáticos no ensino e na aprendizagem de Geografia? Quais os fundamentos teóricos metodológicos do ensino de geografia? Quais são os procedimentos de ensino utilizados pelos professores de Geografia da cidade de Goiás? Como desenvolver uma proposta motivadora de trabalho com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio? O quê nos revela a experiência do uso do procedimento trabalho de campo na escola da educação básica da Cidade de Goiás? Essas e outras questões em torno do ensino de Geografia constituem o problema deste trabalho, cujos objetivos são: compreender os fundamentos teórico-metodológicos no ensino de geografia; analisar os procedimentos de ensino adotados pelo professor de geografia no 9º ano do ensino fundamental e no 3º ano do ensino médio, na cidade de Goiás; desenvolver uma proposta de trabalho de campo como metodologia de ensino nas séries citadas.

O desenvolvimento da pesquisa foi realizada por meio do uso dos seguintes instrumentos de pesquisa: estudo bibliográfico, análise de documento (o PPP da Escola), observação de aula e elaboração e desenvolvimento de proposta de ensino. Estudo Bibliográfico; foi feita a leitura de textos de vários autores, para o aprofundamento e entendimento, sobre a importância do ensino de Geografia nas escolas da educação básica, e a importância dos procedimentos de ensino nas aulas de Geografia e em especial a aula de campo. Análise de documentos (o PPP da Escola); onde foi feita uma leitura do PPP das duas escolas para saber se o procedimento de ensino, aulas de campo está entre as propostas de ensino de cada escola e como ela será feita. Observação de aula; Fez-se observações de aulas de Geografia em duas instituições da rede pública da Cidade de Goiás para entender

como os professores utilizam as práticas de ensino em suas aulas de Geografia. Elaboração e desenvolvimento de proposta de ensino; após as observações das aulas foi realizado uma proposta de ensino como procedimento, aula de campo em cada uma das séries observadas com o tema diferenciado por não ser da mesma série. Sendo que na Escola 1 o tema foi Geografia de Goiás (Cidade de Goiás), e na Escola 2 o tema foi cartografia.

A partir dessas questões-problema, dos objetivos aqui enumerados e da metodologia empregada os resultados da pesquisa feita são apresentados em três capítulos.

No primeiro capítulo, Procedimentos de Ensino no Ensino de Geografia, aborda-se com base em autores como Cavalcanti (2005), Libâneo (1994) e Castellar (1996) os pressupostos teórico do ensino de Geografia, com foco nos elementos do ensino escolar, o objetivo do ensino de Geografia e os procedimentos de ensino na Geografia e a aula de campo.

No capítulo 2, Procedimentos de Ensino na Prática Docente em Geografia na Escola da Cidade de Goiás (GO), faz-se uma análise das aulas observadas em duas escolas estaduais da Cidade de Goiás, chamadas aqui de escola 1 e escola 2. Considerou-se o ensino de Geografia no último ano da segunda fase do Ensino Fundamental e no último ano do Ensino Médio nas duas escolas. A análise com foco nas práticas de ensino de Geografia nas referidas turmas explicita o diagnóstico e o quadro de como os procedimentos do ensino de Geografia são trabalhados nessas instituições. Apresenta-se também o modo com os procedimentos de ensino são apresentados nos Projetos Político-Pedagógico de cada uma dessas escolas.

O terceiro capítulo foi estruturado em torno do relato de duas experiências de ensino de Geografia, com o uso do procedimento trabalho de campo, desenvolvidas no âmbito do Estágio Supervisionado em Geografia.

Nas considerações finais evidenciou o quanto é importante o uso dos procedimentos nas aulas de Geografia, apresentado assim uma contribuição para a aprendizagem da Geografia.

CAPÍTULO 01- PROCEDIMENTOS DE ENSINO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A aprendizagem de Geografia tem sido um fator importante para a formação de cidadãos, e é por isso que o ensino dessa ciência vem sendo discutido com ênfase no âmbito escolar. Para compreender um pouco sobre as formas, as técnicas e a pedagogia aplicada nas salas de aula, este capítulo se estruturará em torno dos pressupostos de autores como Castellar (1996), Cavalcanti (1998), Libâneo (1994), entre outros estudiosos do assunto. O objetivo deste estudo é compreender a relevância dos procedimentos de ensino de Geografia a partir dos fundamentos teórico-metodológicos explicitado no referencial que compõe o corpus discursivo deste trabalho.

1.1 Elementos do ensino escolar

A propósito dos procedimentos no ensino de Geografia, o desafio é superar a visão que se tem do procedimento, pois o termo “procedimento” é quase sempre entendido como “receita” para se dar uma aula satisfatória. Essa perspectiva pode ser um engano, um equívoco, e faz com que haja uma resistência em se discutir a questão das metodologias.

Nesse sentido, Cavalcanti (2002, p. 71) argumenta que *“É preciso, no entanto, encontrar meios de discutir sobre modos de encaminhar atividades cotidianas de ensino sem que isso seja tomado como um simples ato de repassar fórmulas”*. Assim, a autora propõe que os procedimentos sejam pensados como um elemento do ensino, ou seja, de modo integrado com o ensino. Segundo essa autora:

O caminho mais adequado para desenvolver o tema de procedimentos no ensino de Geografia é o de uma reflexão inicial sobre objetivos de ensino. [...] Nesse processo, os objetivos devem nortear os conteúdos e os métodos. E os procedimentos são as formas operacionais do método de ensino, isto é, são atividades para viabilizar o processo de ensino, tal como ele é concebido teórica e metodologicamente. São formas cujos conteúdos são os encaminhamentos efetivados para o processo de conhecimento pelo aluno. (CAVALCANTI, 2002, p. 71-72)

Nessa concepção, torna-se necessária uma articulação entre os componentes de ensino objetivos, conteúdos e métodos para planejar e desenvolver uma proposta de ensino. Esses componentes do ensino não podem ser separados, eles se constituem como três partes de um só elemento: o ensino de boa qualidade.

Além disso, para a compreensão do ensino de Geografia nas instituições educacionais, é necessário entender a natureza das relações entre docentes e discentes, aluno e conteúdo e conteúdo/professor. De acordo com Libâneo (1994, p. 77) *“O exercício do magistério se caracteriza pela atividade de ensino das matérias escolares”*. Nesse processo devem estar contemplados os objetivos, a metodologia, levando-se em consideração as capacidades cognitivas dos alunos.

Há, portanto, uma relação recíproca e necessária entre a atividade do professor (ensino) e a atividade dos alunos (aprendizagem). A unidade ensino-aprendizagem se concretiza na interligação de dois momentos indissociáveis _ transmissão/assimilação ativa de conhecimentos e habilidades, dentro de condições específicas de cada situação didática. As relações entre professor, aluno e matéria não são estáticas, mas dinâmicas; por isso falamos da atividade de ensino como um processo coordenado de ações docentes. A condução desse processo, como qualquer atividade humana, requer uma estruturação de vários momentos de desenvolvimento da aula ou unidade didática. (LIBÂNEO, 1994, p. 77)

A partir do que disse Libâneo, pode-se dizer que a aprendizagem é favorecida pelas ações do professor, sendo que a aprendizagem daquilo que é ensinado está diretamente relacionada a essa dinâmica da reciprocidade docente/discente no processo de ensino. Destaca-se nesse contexto a relevância dos procedimentos de ensino utilizados pelo professor para conduzir suas ações no ensino.

Ainda de acordo com Libâneo (1994), o ato de ensinar, comumente, é tido como a simples transmissão de matérias e fórmulas ao aluno. Nessa concepção, o professor transmite os conteúdos, e os alunos memorizam para, depois, responderem a um interrogatório por meio de provas e trabalhos escritos. Essa prática existe em grande parte das instituições educacionais brasileiras. Nesse caso, o livro didático é necessário, mas por si só ele não garante que haja uma aprendizagem tal como é o objetivo educacional: ampla e que viabilize o desenvolvimento cognitivo com maior potencialidade.

Para que um professor seja considerado bom, é preciso tenha uma boa didática, partindo da didática utilizada pelo professor Libâneo (1994) destaca diferentes estilos de professores: transmissor, facilitador e mediador.

Podemos dizer que, o estilo do professor transmissor é do tipo tradicional é sempre do mesmo jeito para qualquer matéria, idade dos alunos ou até mesmo classes sociais. Esse tipo de professor não trabalha com os alunos de forma objetiva (sólida), fazendo com que os alunos não sejam capazes de ter domínio de um conteúdo, se restringindo apenas à memorização.

O estilo professor facilitador não se preocupa somente com o livro didático, preocupa também em passar mais conhecimento ao aluno, através de aulas audiovisuais e pesquisas. Assim, o aluno pode fazer assimilações e transmitir ideias, mas nem sempre isso acontece por falta de estrutura da escola.

Já o professor mediador, é um tipo de professor que faz com que o aluno consiga fazer relações cognitivas com a matéria, pois esse tipo de professor possui uma didática caracterizada pela mediação do professor na relação do aluno com a matéria/conteúdo (LIBÂNEO, 1994). Essa concepção de medição considera que o uso do livro didático é mais eficiente quando o professor faz a ligação dos conteúdos com o desenvolvimento cognitivo dos alunos, pois o ensino deve compreender as “ações conjuntas dos professores e dos alunos, pelas quais estes são estimulados a assimilar, consciente e ativamente, os conteúdos e os métodos...” (LIBÂNEO, 1994, p. 787). Sob essa perspectiva, concebe-se a ideia de que o ensino é um processo caracterizado pelo desenvolvimento das capacidades intelectuais dos alunos em direção ao domínio do conhecimento e da sua aplicação no cotidiano.

Nessa concepção, o ensino conduz a uma aprendizagem que capacita o aluno a se posicionar de maneira crítica frente às situações com que lida ou convive. Nesse aspecto, tem-se um sujeito capaz de interagir, dialogar, questionar, sugerir, interferir para dar a sua contribuição à sociedade, seja na instância humana, seja na física ou geográfica, por meio de atitudes em prol da melhoria das condições de vida.

Contribuem ou proporcionam essa aprendizagem os métodos de ensino que são definidos pelo par objetivo/conteúdo. Em virtude desse vínculo indissociável, o professor, ao estimular o processo de ensino com vistas à aprendizagem “...*utiliza intencionalmente um conjunto de ações, passos, condições*

externas e procedimentos, a que chamamos métodos de ensino". (LIBÂNEO, 1994, p. 150).

No entanto, o ensino sob essas bases não acontece sem um planejamento escolar, que segundo Libâneo (1994) possui três modalidades interligadas: o plano da escola, o plano de ensino e o plano de aula. Para esse autor, *"O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social"* (LIBÂNEO, 1994, p. 222). A ação de planejar, portanto, não se restringe a um procedimento burocrático para controle administrativo ou pedagógico. Antes, se constitui uma atividade político-pedagógica com vistas à aprendizagem.

No final do ciclo ensino/aprendizagem, existe outro mecanismo de igual importância na educação escolar: a avaliação. Nesse caso, Libâneo (1994, p. 195) a define como *"uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem"*. As funções desse mecanismo, portanto, são didático-pedagógicas, possui finalidade diagnóstica e de acompanhamento do desenvolvimento cognitivo discente.

1.2 Ensino de Geografia

Os objetivos do ensino de Geografia, de acordo com Cavalcanti (2002), são construir uma visão social e histórica de mundo, construir um saber geográfico e sua relevância social, bem como contribuir para a formação de cidadãos, sob as perspectivas do respeito às diversidades culturais. Assim, é que a autora propõe:

As crianças e os jovens, independentemente da Geografia que estudam na escola, circulam pela cidade, pelo bairro, realizando suas atividades cotidianas, criando, recriando e organizando espaços, conhecendo a geografia das coisas. Essa geografia pode ser pensada ou conhecida no plano do cotidiano (onde estão disseminados saberes assistemáticos) e no plano do não-cotidiano (plano científico). Ao manipular as coisas na prática social cotidiana, os indivíduos vão construindo e reconstruindo uma geografia e um conhecimento dessa geografia (um conhecimento geográfico). (CAVALCANTI, 2002, p. 77)

A concepção de Cavalcanti (2002) propõe uma aprendizagem a partir de uma interação do aluno com o conhecimento não sistematizado e com aquele que é sistematizado, ou seja, o cotidiano e a ciência estudada nas salas de aula.

Já para Callai, o objetivo do ensino de Geografia pressupõe os eixos “estudar e compreender o lugar. Isso significa estudar o que acontece no espaço onde se vive para além de suas condições naturais ou humanas” (CALLAI, 2000, p. 84). Isso equivale a dizer que às vezes é preciso encontrar as razões internas e externas das coisas pra poder compreendê-las.

A história da geografia como disciplina escolar tem início no século passado, quando foi introduzida nas escolas com o objetivo de contribuir para a formação dos cidadãos a partir da difusão da ideologia do nacionalismo patriótico (CAVALCANTI, 1998). O estudo desse panorama histórico do ensino de Geografia é feito por Vlach, para que:

O ensino de Geografia no Brasil nos remete, entre outras possibilidades, às relações entre educação, ciência e política, em uma sociedade autoritária, cindida entre os que “pensam” e os que “fazem”. Não surpreende, pois, a tardia institucionalização da escola (após 1930), mesmo se a idéia de um “sistema nacional de educação” fez parte das propostas da Assembléia Constituinte, reunida em 1823 para elaborar a primeira constituição do Império do Brasil. Essa proposta não foi incluída no texto da Constituição de 1824. (VLACH, 1999, p. 187-188)

Conforme Vlach (1999), por causa dessa relação política entre os que pensam e os que fazem, a escola surge tardiamente como instituição educacional no Brasil, ainda assim, a ideia de um sistema nacional de educação não foi incluída na proposta constitucional de 1824. Isso permite inferir que a educação nesse país esteve historicamente ligada à sociedade classista. Ou seja, *“os conhecimentos geográficos ainda são mais interessantes para a gestão dos bens privados e públicos”* (VLACH, 1999, p. 216).

Ainda de acordo com essa autora, atualmente,

Por outro lado, a insatisfação crescente com o paradigma “a terra e o homem”, o elitismo da escola, o desprezo do cotidiano no processo de ensino-aprendizagem, a deterioração das condições de vida da maioria da população, o analfabetismo, a situação de dependência do Estado brasileiro na cena internacional, a valorização do planejamento e da atuação do geógrafo a serviço do Estado e das empresas privadas, entre outros, estimularam alguns professores de Geografia da escola pública a procurar alternativas que levassem em conta essas (e outras) questões no início da década de 1960. (VLACH, 1999, p. 216-217)

Houve, portanto, uma reação de uma parte dos docentes em favor de uma reformulação da abordagem da geografia a partir de questões políticas de interesse do poder público.

Entretanto, para Kaercher (2007),

Não podemos nos contentar com o discurso simplificador de que a “Geografia serve para legitimar os Estados Nacionais” ou que a Geografia “serve para legitimar a ação das classes dominantes detentoras do poder econômico e/ou político”. Claro isso foi – ainda é – válido para o seu berço, no final do século XIX. Mas hoje, salvo alguns nacionalismos – que usam ou não da violência para contrapor-se aos poderes hegemônicos centrais – o mapa-mundi parece estar desenhado. Não, isso não significa que o mundo está pronto, acabado, pacificado. (KAERCHER, 2007, p. 29)

Os pressupostos de Kaercher (2007) confirmam a necessidade de um inconformismo do ensino da Geografia em relação ao aspecto de legitimação das forças e do poder das classes dominantes e dos Estados Nacionais. Ou seja, é importante que essa reação leve em consideração a necessidade de uma Geografia mais útil no contexto geral, é essa a ideia defendida por Kaercher (2007).

Para pensar o ensino de Geografia, faz-se necessária uma abordagem que ponha foco nas transformações, nos processos de mudança do mundo e das coisas, para isso buscam-se as considerações de Cavalcanti (1998). De acordo com essa autora, a Geografia defronta-se com a tarefa de compreender o espaço num contexto bastante amplo: o avanço das técnicas, a maior e mais acelerada circulação de mercadorias e outros fatores preponderantes:

O espaço está ligado à criação de um mercado mundial e à redução de barreiras para expansão do sistema produtivo. O espaço foi perdendo, assim, sua significação absoluta no lugar para ganhá-la na lógica do poder, da expansão capitalista. Da mesma forma, o tempo, tomado como linear e progressivo, foi sendo substituído por um tempo cíclico e instável, em função de que seu sentido passou a ser ligado ao próprio processo produtivo. Instalou-se, assim, uma compreensão e uma vivência de espaço e de tempo relativos. (CAVALCANTI, 1998, p. 16)

Pode-se dizer que as constatações de Cavalcanti (1998) dialogam com o que disse Libâneo (1994): as mudanças nas concepções de espaço e tempo no ensino de Geografia requerem que haja uma reformulação também das metodologias, pois sem isso, corre-se o risco de um ensino contraproducente, logo, a aprendizagem sofreria prejuízo. Daí a relevância de desenvolver o ensino a partir das aulas de campo, a fim de que se vivenciem o espaço e o tempo a partir do

próprio espaço e do próprio tempo do aluno. Assim, o ensino de Geografia não pode prescindir de um procedimento de ensino que proporcione ao estudante uma relação dialógica com o objeto de estudo.

Nesse sentido, se faz necessário um novo olhar, que implica em novos procedimentos de ensino, novos objetivos e novos conteúdos geográficos. Sobre isso Cavalcanti (1998) argumenta:

Na perspectiva da Didática Crítico-Social, o ensino escolar é o processo de conhecimento do aluno mediado pelo professor. Ensinar é uma intervenção nos processos intelectuais e afetivos do aluno, buscando sua relação consciente e ativa com os objetos de conhecimento. O objetivo maior do ensino, portanto, é a construção do conhecimento mediante o processo de aprendizagem do aluno. (CAVALCANTI, 1998, p. 138)

As considerações de Cavalcanti clarificam a ideia de que, para existir aprendizagem, faz-se importante e necessária uma metodologia adotada pelo professor. Para que seja construído o conhecimento, a mediação docente deve acontecer a partir da adoção de recursos interligados aos objetivos de ensino. Podemos chamar de recursos interligados as várias opções, tanto da metodologia ou procedimentos que o professor deve adotar para a aprendizagem do aluno alcance o objetivo esperado.

Por fim, o ensino de Geografia precisa estar relacionado com a prática social cotidiana *“para que se forme uma consciência para uma relação ética com o espaço de vivência”*. (CAVALCANTI, 1998, p. 171).

Corroborando com essa ideia, Castellar (1996), em artigo sobre a educação geográfica, defende a tese de que toda a aprendizagem da Geografia, sobretudo na educação básica, pode ser associada a objetivos como: capacitar para a aplicação dos saberes geográficos, ampliar o conhecimento e a compreensão dos espaços na sua contextualização local.

Tais objetivos, entre outros, se relacionam a um método de análise do saber geográfico e indicam novas possibilidades de se alterar o currículo da geografia escolar e, conseqüentemente, a forma de se pensar o conhecimento geográfico. (CASTELLAR, 1996, p. 211).

É importante ressaltar que, de acordo com Cavalcanti (2005), a formação de consciência e o desenvolvimento intelectual se dão de fora para dentro, num

processo de internalização, mas isso não implica o entendimento de uma passividade do sujeito.

Por isso mesmo, a autora diz que

É um grande desafio a proposta de desenvolver idéias a respeito de procedimentos no ensino de Geografia. Procedimentos de ensino são frequentemente considerados “receitas” técnicas de como dar uma boa aula, o que termina por levar a uma resistência em colocar esse tema como pauta de discussão. É preciso, no entanto, encontrar meios de discutir sobre modos de encaminhar atividades cotidianas de ensino sem que isso seja tomado como um simples ato de repassar fórmulas. (CAVALCANTI, 2002, p. 71).

Procedimentos de ensino não são, então, simples receitas de como se dão aulas. Eles fazem parte de um conjunto que envolve os objetivos e os conteúdos. Portanto, quando se trata de ensino de Geografia, há que ter uma visão muito mais ampla do que sejam os procedimentos pedagógicos.

1.3 Procedimentos de ensino na Geografia

Nos termos de uma síntese acerca dos procedimentos de ensino no ensino de Geografia, é importante que se apresentem os pressupostos de Cavalcanti (2002). De acordo com a autora, os procedimentos de ensino numa perspectiva socioconstrutivista não excluem as formas mais convencionais de realizar o ensino de Geografia, como as aulas expositivas e os trabalhos em grupos na sala de aula. A autora explica que o mais importante não é a metodologia utilizada, mas sim a garantia de que os alunos desenvolverão seu sistema cognitivo.

De acordo com Cavalcanti (202), alguns procedimentos devem ser adotados no ensino de Geografia a partir das fases de desenvolvimento da aula: (1) *Preparação e introdução da matéria*: observação da paisagem e trabalho com a linguagem da sociedade tecnológica (música, poesia, literatura, cinema, audiovisuais, televisão); (2) *Tratamento didático da matéria nova*: projetos de investigação, estudos do meio; (3) *Consolidação, aprimoramento e aplicação dos conhecimentos*: atividades de simulação e de dramatização, trabalho com mapas, gráficos, cartas e tabelas.

Na primeira fase da aula ou conjunto de aulas (*Preparação e introdução da matéria*) é preciso que o professor e os alunos se entreguem numa espécie de

aquecimento, afim de que obtenham uma introdução para mobilizar e suscitar o interesse pelo que será estudada. Nessa fase, a observação é fundamental para continuar produzindo a motivação a partir da problematização da realidade observada. Quanto ao uso das linguagens da sociedade tecnológica, sabe-se que o aluno é um eterno curioso pelo artefato da TV, do vídeo, dos games, da internet, e isso constitui em mais um elemento motivador e despertador de interesse. Nesse sentido a autora propõe dois procedimentos de ensino:

A observação da paisagem – que pode ser usada em muitos momentos, a fim de que se possa problematizar de maneira direta a realidade. Nesse caso, é importante que o professor não transforme essa atividade em mais uma formalidade tal como se dá na sala de aula, pois o intuito desse procedimento é estudar com mais interesse e de um ângulo mais próximo o cotidiano.

O uso das linguagens em suas várias formas e por diversos meios, sobretudo nas áreas de comunicação e informação na era das tecnologias. Esses artefatos tecnológicos são importantes não apenas como objetos em si mesmos, mas como instrumentos que estão presentes no fazer das sociedades e porque transformam os costumes e dinamizam as produções na sociedade de consumo. A escola não pode estar desconectada desse paradigma tecnológico.

Para a fase de Preparação e introdução da matéria Cavalcanti (2002) diz que existem muitas possibilidades de procedimento, desde que não sejam esquecidos os objetivos a serem alcançados. Pode-se lançar mão de painéis progressivos, da tempestade mental, exposição heurística, atividades extraclasse, leitura, entrevista, trabalho com álbum seriado, apresentação de fotografias e muitos outros.

A fase de Tratamento didático da Matéria é um momento mais sistematizado de estudo, os procedimentos sugeridos por Cavalcanti (2002) são: projetos de investigação e estudo do meio. O projeto de pesquisa na escola permite ao aluno a construção de conhecimento, a prática da busca de conhecimento, prática do trabalho coletivo, a tomada de decisões sobre aspectos da realidade pesquisada. O estudo do meio, por sua vez, possibilita ao aluno uma aprendizagem significativa e contextualizada, visto que o seu interesse pela realidade em que está inserido é imediato e mais intenso.

A fase de consolidação e aplicação dos conteúdos, de acordo com Cavalcanti (2002) “tem por fim aprofundar o conhecimento dos alunos e propiciar

oportunidades de utilização desse conhecimento de modo criativo” (CAVALCANTI, 2002, p. 92). Nesta fase a autora propõe o uso dos procedimentos atividade de simulação e o Trabalho com mapas, cartas, gráficos e tabelas. Os jogos de simulação tem uma característica de competitividade entre os participantes e podendo ser do tipo de jogos sobre o meio, jogos de busca e de localização, jogos de desenvolvimento econômico de países, entre outros.

A dramatização “é um procedimento que é caracterizado pela realização de montagens teatrais por professores, professores e alunos” (CAVALCANTI, 2002, p. 94). Assim ela se desenvolve a partir de pequenas peças teatrais que seja na sala de aula, e podendo ser explorada pela escola toda. No ensino de Geografia, ele é particularmente por possibilitar “trazer” para o mundo próximo do aluno alguns fatos, fenômenos e acontecimentos que ocorrem em mundos distantes, no sentido de sua vivência. (CAVALCANTI, 2002, p. 96).

O trabalho com mapas, cartas, gráficos e tabelas é um procedimento de muita relevância nas aulas de Geografia que auxilia na orientação e na localização. É necessário destacar a importância do uso do mapa e de outras representações gráficas (cartas, gráficos, tabelas) no cotidiano das aulas de Geografia, para auxiliar as análises, mas também é importante indicar atividades específicas como essas formas de representações de observações. (CAVALCANTI, 2002, p. 98).

Já a simulação ou imitação compreendem a reprodução de fatos da realidade ou mesmo a criação de situações hipotéticas com o objetivo de estudar e compreender melhor um tema. Nessa atividade, podem-se aplicar os conhecimentos já construídos para ajudar na aprendizagem e aprofundar no conhecimento, diz Cavalcanti (2002, p. 93). Essa fase é profundamente motivadora, e sua utilização constitui um reforço de aprendizagem “em momento em que se faça necessária uma atividade de apoio para a aquisição de conceitos quanto para a o desenvolvimento de determinadas habilidades ...” (CAVALCANTI, 2002, p. 93).

São muitos os procedimentos que podem ser adotados no ensino de Geografia. O importante é que exista uma disponibilidade, um interesse e uma ação docente nesse rumo de tornar o ensino um momento mais atraente e mais significativo, a fim de garantir mais aprendizagens.

Entretanto, métodos e procedimentos de ensino não devem ser elaborados nem entendidos como receitas técnicas; essa concepção torna difícil a discussão do assunto, mas nem por isso ele deve deixar de ser discutido, segundo

Cavalcanti (2002). Assim, ainda de acordo com essa autora, o caminho mais apropriado para desenvolver o tema deve partir de uma reflexão sobre os objetivos de ensino. Ensino, nas palavras da autora, é um processo de conhecimento do aluno mediado pelo professor, no qual estão envolvidos, de forma interdependente, conteúdos, objetivos e formas organizativas. Logo, a escola fundamental e a função da Geografia na instituição escolar são o ponto central das discussões acerca dos procedimentos de ensino de Geografia.

Neste capítulo, discutiu-se acerca de alguns fundamentos teóricos sobre o ensino de geografia e aprendizagem a partir do estudo contextualizado de conteúdos que têm relevância para o aluno. No próximo capítulo apresenta-se a prática docente no uso dos procedimentos de ensino.

CAPÍTULO 02 – PROCEDIMENTOS DE ENSINO NA PRÁTICA DOCENTE EM GEOGRAFIA NA ESCOLA DA CIDADE DE GOIÁS (GO)

2.1 Escola 01

2.1.1 Procedimento de ensino de Geografia na prática docente na escola

Na Escola 01 fez-se a observação de aulas em uma turma do 3º Ano do Ensino Médio, no período de 02/05/13 a 03/10/13, quando foi possível fazer a observação de 16 aulas com a intenção de identificar os procedimentos de ensino utilizados pelo professor de Geografia em sua prática de ensino.

Nesse período identificou-se que professor dessa escola é muito dinâmico com relação as suas aulas. Ele procura fazer o máximo para que seus alunos tenha a compressão do tema abordado. Nas aulas observadas houve a predominância do uso dos seguintes procedimentos de ensino: aula expositiva com o auxílio do quadro negro (03), uso do vídeo (02). Enquanto os procedimentos menos utilizados foram: Jornal (01), data show (01) e aula de campo (01), (Quadro 01).

Quadro 01 - Procedimentos de ensino utilizados pelo professor de Geografia da escola 01, na Cidade de Goiás (GO), em 2013.

Data	Procedimento de ensino	Conteúdo	Metodologia
02/5	- Aula expositiva com o auxílio do quadro negro - Vídeo	Migração	-Explicou o conteúdo exposto no quadro -Pedi para os alunos fazer um relatório do vídeo e entregar
09/5	-Jornal -Vídeo	Região Norte	-Explicou o enunciado do jornal com o auxílio do quadro negro. -Fez um comentário do filme assistido.
14/8	- Aula expositiva com o auxílio do quadro negro	Geografia de Goiás	-Com o auxílio do quadro negro, passou tópicos sobre a matéria e explicou cada um deles.
22/8	-Aula expositiva com o auxílio do quadro negro - Pesquisa	Geografia de Goiás	-Explicou cada um dos tópicos que passou no quadro. -Passou uma pesquisa para os alunos.
29/8	- Data Show, aula expositiva com auxílio desse equipamento.	Geografia de Goiás	-Explicou o conteúdo com o auxílio do data show.
23/9	Aula de campo	Geografia de Goiás	- Visitar ao memorial do cerrado.

Fonte: observação de aula realizada na escola 01 em 2013, organizado por Ana Izabela Brito de Moraes.

De acordo com o quadro 1 percebe-se que o professor utilizou vários procedimentos de ensino, para que seus alunos entendessem melhor o conteúdo abordado em sala de aula. Segue uma explicação do uso de cada um desses procedimentos.

Aula Expositiva (quadro negro)

Esse foi um dos procedimentos mais utilizado pelo professor da escola 1, onde ele escrevia no quadro tópicos referente ao conteúdo e explicava para os alunos cada um dos tópicos. Esse procedimento foi utilizado em 6 aulas e os conteúdos ensinados foram: Migração e Geografia de Goiás.

Trabalho com linguagem da sociedade tecnológica

O uso do vídeo, data show e do jornal é chamado por Cavalcanti (2005) como o procedimento de trabalho com a linguagem da sociedade tecnológica. Nas aulas do professor da escola 1, esse procedimento foi utilizado quatro vezes sozinho ou de modo integrado com a aula expositiva. Segue a explicação do uso de cada um desses recursos na aula de Geografia.

Vídeo

O vídeo também foi um dos recursos mais utilizados pelo professor. Esse é um procedimento de ensino muito utilizados pelos professores na escola e principalmente nas aulas de Geografia. Ele auxilia na complementação do tema da matéria e ajuda o aluno a ter um melhor entendimento da matéria. Nas aulas observada na escola 1, o professor usou o vídeo duas vezes.

Na primeira aula utilizou para explicar sobre a migração, cujo o nome do vídeo é “O Movimento Populacional no Brasil como todo”. E explicou o conteúdo que foi organizado em tópicos, na medida que o professor foi comentando sobre o filme, foi possível extrair as ideias principais do conteúdo em formato de tópicos, como mostra o (Quadro 1.1). E ao final pediu um relatório sobre o filme.

Quadro 1.1 – Conteúdos de migração ensinados pelo professor da Escola 01 com o auxílio do vídeo, Goiás (GO, 2013).

<ul style="list-style-type: none"> • Movimentos Populacionais • Consequências das Migrações • Migração Brasileira e no mundo • Deslocamento interno no Brasil • Conflitos Religiosos • Conflitos Racionais (Racismo) étnica <p>TIPOS DE INFLUÊNCIAS MIGRATÓRIA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Migração temporária (emprego, turismo, estudo, nômade que são ciganos) • Migração interna (Migração forçada por caráter político e a não forçada) • Desterritorialização • Diáspora: dispersar, grande saída de população • Migração Brasileiras • Deslocamento interno no Brasil • Porque as pessoas migram? • Principais fluxos migratórios

Na segunda aula em que o professor utilizou o vídeo, ele primeiro fez uma aula teórica com as alunos na sala de aula, e em seguida pediu para os alunos que se dirigissem para a sala de vídeo, onde ele utilizou este recurso para dar continuidade ao conteúdo sobre a Geografia de Goiás.

Data Show

Esse tipo de recurso também é bastante utilizado em sala de aula, pois o data show pode ser utilizado para exibir slides trazendo informações sobre a matéria e imagem. O procedimento chama mais a atenção do aluno e faz com que ele entenda o conteúdo com mais facilidade. Esse procedimento foi utilizado somente uma vez e em uma aula para possibilitar que o aluno entendesse com mais clareza o conteúdo sobre a Geografia de Goiás.

Jornal

O professor da escola 1 utilizou o jornal para retirar informações sobre a matéria, e repassou para os alunos em formato de tópicos, e explicou cada item. Esse procedimento foi utilizado em duas aulas de 50 minutos cada uma onde ele retirou do jornal O popular informações sobre a matéria. Sendo que o conteúdo abordado pelo professor foi sobre a Região Norte, destacando suas principais atividades econômicas e suas características físicas.

Aula de Campo

Este tipo de procedimento de ensino é muito importante nas aulas de Geografia, porque como sabemos essa disciplina estuda a terra como um todo, com a aula de campo o aluno pode colocar em prática o que ele vivencia na sala de aula, no livro didático.

Na aula de campo utilizada na escola 1, a equipe da escola levou os alunos para uma aula de campo em Goiânia. Para a realização desta aula foram divididos grupos de alunos de cada turma do 3º ano, dos períodos, matutino, vespertino e noturno, sendo no total de 25 alunos ao todo que participaram dessa aula campo, da Escola 1. Para a realização desta atividade os alunos foram acompanhados pelos funcionários da escola: sendo um professor de História, uma funcionária que atua na área da administração e mais uma professora de Geografia.

Os alunos foram em um ônibus locado pela escola, a saída foi da porta da escola as 05:00 hs e retornados as 20:00 hs do mesmo dia. A atividade prevista para os alunos era somente a observação para a complementação do conteúdo do bimestre (Geografia de Goiás). Os alunos se comportaram muito bem, e mostraram-se muito interessados pela aula de campo. O objetivo foi conhecer o Memorial do Cerrado. Esse museu se localiza em Goiânia (GO), ele integra o espaço físico da Estação Ciência São José no Campus 2 da PUC Goiás, o seu objetivo é interagir no processo educativo de uma forma dinâmica, influenciando na criação de novas ideias, formando assim como na formação de uma nova consciência a respeito da questão ambiental e preservação do meio ambiente. O museu proporciona ao visitante uma visão extraordinária sobre os aspectos físicos, bióticos e culturais da região do Cerrado.

Durante a visita, um instrutor do instituto acompanhou e explicou todo o trajeto, os alunos conheceram o laboratório de biologia e observaram várias espécies de animais peçonhentos em viveiro de vidro. Ficaram entusiasmados pelos animais.

Em seguida foram para a parte do cerrado, onde, o visitante tem a oportunidade de adquirir e absorver um vasto conhecimento sobre o Sistema Biogeográfico do Cerrado. No início logo na entrada encontramos as madeiras petrificadas. Em seguida os alunos se depararam com uma demonstração fantástica desde o surgimento da terra. Nesse espaço os alunos tiveram a

oportunidade de absorver e ter conhecimento sobre, a deriva continental, os principais grupos de rochas, os períodos da era geológica da terra: Pré cambriana, Paleozóica, Mesozóica e Cenozóica, a fossilização dos vegetais e animais, as primeiras formas de vida, o surgimento dos peixes, répteis e aves, o aparecimento e classificação dos mamíferos, a megafauna sul-americana, as plantas floríferas, a origem e ascensão do homem, a ocupação das Américas e as principais culturas, a representação dos subsistemas do Bioma Cerrado em cenários, como campo limpo, ambiente de mata, campos de altitude e veredas, várias espécies típicas do Cerrado, algumas endêmicas e as principais etnias indígenas do cerrado e sua decadência.

Depois fomos visitar o ambiente da Vila Cenográfica de Santa Luzia que traz uma demonstração de uma cidade onde se preserva uma arquitetura simples das cidades do interior do cerrado. Onde tinha casas antigas, uma venda, sapateiro, alfaiate, escola, uma casa com moveis antigos. Nessa cidadezinha cenográfica tem até prefeitura e cadeia. Observa-se vários ambientes de um espaço urbano, como a casa de uma família da época com moveis típicos da época, uma escola antiga com carteiras de madeira, lousa manual que representava os cadernos dos alunos, palmatória que os professores usavam para disciplinar os alunos que desobedeciam na sala de aula, um mostruário das oficinas urbanas (alfaiate, sapateiro) e brinquedos rústicos utilizados pelas crianças daquele tempo.

Encontramos também o cenário onde se produzia jornais e livros, mas ao mesmo tempo, um espaço dedicado a uma família de classe média com todas as suas mobílias e na sequência desses ambientes, a representação de um armazém antigo com todas as mobílias, mercadorias, balanças e outros equipamentos de medidas, são todos objetos históricos.

Depois fomos visitar outro cenário, o do meio rural que representavam as características do passado, com moveis antigos bem interessantes, onde percebemos o quanto a vida naquela época não era fácil, principalmente nas fazendas. O ambiente rural é uma representação das Fazendas Tradicionais, compostas com vários cenários interessantes que faziam parte do cotidiano dos moradores. Naquela época as fazendas eram auto sustentáveis, tudo era feitos artesanalmente, o que torna os objetos bem característicos da época. No ambiente rural pode ser encontrado o rancho do peão de boiadeiro, que retrata um período importante da história do interior do Cerrado, pois a pecuária era muito importante

para a economia da época e as oficinas para demonstrar como era a fabricação de alimentos, como farinha, polvilho, rapadura, melado, pinga (cachaça) e a garapa.

Foi visitado também a representação do Quilombo que possui casas bem simples de adobo e pau a pique, telhados de palhas. Tradicionalmente, os quilombos eram lugares de refúgio para os escravos que fugiam das fazendas das áreas de garimpo. Estes sítios geográficos ficavam afastados dos centros urbanos e em locais de difícil acesso. Esse ambiente demonstra a capacidade que os escravos tinham para se refugiar e se adaptar ao ambiente inexplorado, convivendo diretamente com a natureza.

2.1.2 Procedimento de ensino de Geografia no Projeto Político Pedagógico

A partir do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola 1 é possível tirar algumas conclusões sobre a concepção de ensino dessa escola e também verificar se ele indica procedimentos didáticos para ensinar Geografia.

A escola 1 é uma instituição que prepara os alunos para os novos tempos que fortalece a formação cultural e científica, que possibilita o contato dos alunos com a cultura. Esta instituição é aquela que direciona suas ações de forma coletiva, contra a exclusão social, econômica, política, cultural e pedagógica, visando à formação mais geral do estudante. Ela está concebida como um espaço de análise, de reflexão e de síntese, no exercício de seu papel na construção da democracia social e política. O foco da escola 1 é preparar o aluno para se tornar um cidadão crítico e participativo no meio em que ele vive, seja ele natural e social.

O objetivo da escola 1 é provocar no aluno a capacidade cognitiva para que o aluno possa através dos conteúdos escolares fazer assimilações entre o objeto de estudo com o meio social, e assim despertar nesses alunos a criticidade a criatividade, a sensibilidade e a imaginação. Este objetivo propicia ao aluno transformar-se num sujeito pensante, de modo que aprenda a utilizar seu potencial de pensamento na construção e reconstrução de conceitos, habilidades, atitudes, e valores, etc.

Esse conjunto de objetivos destacam muitas habilidades para as quais as aulas ministradas pelos professores tem que buscar alcançar.

2.2 Escola 02

2.2.1 Ensino de ensino de Geografia na prática docente na escola

Na Escola 02 fez-se a observação de 13 aulas em uma turma do 9º Ano do Ensino Fundamental, no período de 10/05/13 a 11/10/13, quando foi possível fazer a observação de 14 aulas com a intenção de identificar os procedimentos de ensino utilizados pelo professor de Geografia em sua prática de ensino.

Nesse período identificou-se que o professor dessa escola é muito dinâmico com relação as suas aulas. Ele procura fazer o máximo para que seus alunos tenha a compressão do tema abordado. Nas aulas observadas na escola 2 houve a predominância dos uso dos seguintes procedimentos de ensino: aula com o auxílio do quadro negro (03) e a utilização do livro didático (08). Enquanto o procedimento menos utilizado foi a pesquisa (02), mapa (02), apresentação oral de trabalho (01), seminário (01) e trabalho em grupo(01). Veja no quadro 2.

Quadro 02 - Procedimentos de ensino utilizados pelo professor de Geografia da escola 02, na Cidade de Goiás (GO), em 2013.

Data	Procedimento de ensino	Conteúdo	Metodologia
10/4	-Utilização do livro didático -Auxílio do quadro negro -Dinâmica	Globalização	-O professor solicitou que os alunos se sentassem em círculos, para a realização de uma dinâmica, e solicitou que todos os alunos elaborar cinco perguntas difíceis com respostas do livro didático das páginas 36 a 55. - Escreveu no quadro para que os alunos respondessem com base no livro didático: O que é Globalização? E o que a mídia, sociedade de consumo tem a ver com a globalização? o que acontece nas fronteiras? Como isso é influenciado pela globalização? De que forma você participa deste projeto? Qual o papel das transnacionais? -Em seguida fez a correção da atividade, pedindo para cada alunos lê sua resposta para a turma toda e ao final complementou com sua fala.
12/4	-Auxílio do quadro negro	Globalização	- Porque existe fome nos países subdesenvolvidos? O professor no início da aula passou está pergunta no quadro para os alunos copiarem no caderno e depois para ser respondido e em seguida fazer um comentário.
03/5	-Utilização do livro didático - Auxílio do quadro negro	Globalização	- Porque a China está se tornando uma potência global? O professor passa esta pergunta no quadro e pede para os alunos responderem no caderno, e em seguida pede para alguns alunos para comentar sobre a pergunta e depois complementa a explicação com suas palavras.
06/5	-Utilização do livro didático	Ásia	-Perguntas elaboradas pelo professor foram: 1) como é que funciona a economia na Ásia? Dê exemplos. 2) Quais são as principais religiões do continente Asiático? Porque a religião islâmica é a

			que mais provoca conflitos? Essa atividade foi avaliativa, individual e com consulta ao livro didático.
08/5	-Atividade do livro didático	Sensoriamento remoto	- Atividade do Livro Didático p. 142 e 143
07/8	- Atividade do livro didático - Pesquisa	Continente Antártida	Atividade do continente Antártida na unidade 8 p. 206 do livro didático, em que os alunos pesquisem as capitais e estados da Oceania ou no livro ou na internet, isso foi feito em sala de aula onde os alunos puderam utilizar o wi-fi da escola.
14/8	- Atividade do livro didático		- Atividade do livro Didático p.215, 216 e 217.
04/9	- Pesquisa	Europa e Oceania	- O trabalho pode ser de dupla ou individual e no máximo três pessoas, e o trabalho deverá ser entregue manuscrito e com a letra de todos os integrantes do grupo, e para ser entregue na aula do dia seguinte, e no ato da entrega da pesquisa o aluno deverá fazer um breve comentário oralmente sobre o trabalho pesquisado. - Os alunos escolherão um país Europeu e escrever sobre: sua política, economia, cultura, as principais atividades industriais e qualquer tipo de novidade do país, fazer uma descrição física do país, ex.: tem tantos km ² , é divisa com qual país?
06/9	-Utilização do livro didático - Mapa - Apresentação oral de trabalho	Continente Ocidental e Oriental	- Professor pediu para que os alunos abrisse o livro didático na página 96, em seguida utilizou um mapa mundi político, falou sobre o meridiano de Greenwich que separa os continentes ocidental e oriental. -Em seguida o professor elaborou uma apresentação do trabalho pesquisado pelos alunos, onde os alunos falaram brevemente sobre sua pesquisa.
11/09	-Utilização do livro didático - Atividade do livro - Mapa	Continente Europeu	- O professor fez uma breve fala sobre o assunto. Em seguida pediu para os alunos que abrissem o livro na página 296, onde os alunos encontraram um mapa onde fez uma demonstração sobre a Europa. Depois passou uma atividade do livro didático nas páginas 102, 103, 110 e 111 para fazer as atividades e corrigir no final da aula.
18/9	-Utilização do livro didático - Atividade do livro	Continente Europeu	-O professor cobrou dos alunos a atividade do livro didático que foi passado na aula do dia 11 de Setembro, o professor pediu para olhar todos os cadernos de quem fez. -Em seguida passou uma atividade, para os alunos fazer uma relação as grandes guerras e os conflitos, a partir da página 14 do livro didático dos temas 2, 3 e 4. E depois o professor avaliou os comentários feitos pelos alunos, valendo nota.
25/9	-Utilização do livro didático - Seminário		-O professor passou uma atividade, em que os alunos planejassem uma fala de qualquer parte do livro. O aluno deve tentar fazer essa fala de uma forma diferente. Essa atividade foi individual. Essa técnica é pra ajudar a desenvolver a oralidade dos alunos.
11/10	-Textos - Trabalho em grupo		-O professor pediu para a turma do 9º ano, formarem duplas, e distribuiu uma folha com um texto de outro livro de geografia para cada grupo, e pediu para fazer a leitura e comentar, ou seja, expor o que interpretou sobre o texto. -Treinar a fala, os argumentos e assim treinando para chegar no Ensino Médio, na Universidade sem dificuldade.

Fonte: observação de aula realizada na escola 02 em 2013, organizado por Ana Izabela Brito de Moraes.

De acordo com o quadro 2 percebe-se que o professor utilizou vários procedimentos de ensino, para que seus alunos entendessem melhor o conteúdo abordado em sala de aula. Segue uma explicação do uso de cada um desses procedimentos.

Utilização do Livro Didático

Esse procedimento foi o mais utilizado pelo professor da escola 2. O livro didático é um procedimento de ensino muito utilizado pelos professores das escolas em geral. O professor nem sempre pode se apoiar somente no livro didático, pois os conteúdos que os livros didáticos trazem, são as vezes obscuros e podendo trazer dúvidas ao aluno. Ao observar as aulas na escola 2, o professor disse que o livro didático adotado para os alunos na série do 9º Ano está ultrapassado e ele vem tentando trabalhar somente os conceitos.

O professor utilizou o livro didático para passar atividade para os alunos de diversas formas; ele utilizou para relações entre conteúdos, passou atividade do livro para que os alunos respondessem em seus cadernos.

Auxilio do (quadro negro)

Esse foi o segundo procedimento mais utilizado pelo professor da escola 2. Ele utiliza o quadro negro para escrever perguntas elaboradas por ele, para os alunos copiarem no caderno e responder. Utiliza também para explicar alguns conceitos.

Pesquisa

Esse procedimento foi utilizado duas vezes nas aulas do professor da escola 2. O professor relatou para os alunos a importância da pesquisa na construção de conhecimento, e o aluno tem que aprender a conhecer o conteúdo através da pesquisa. Os conteúdos foram: Continente Antártida e Europa. Esse trabalho pode ser feito individual ou de dupla, e na entrega das pesquisas foi realizado um breve comentário de cada grupo sobre o tema pesquisado.

Mapa

O professor utilizou uma aula expositiva com mapa, é um procedimento de muita relevância nas aulas de Geografia que auxilia na orientação e na localização. O mapa utilizado foi o Mapa Mundi Político, para destacar para os alunos o meridiano de Greenwich e mostrou também a separação do Continente Ocidental e Oriental.

Apresentação Oral do Trabalho

Esse procedimento foi utilizado pelo professor para motivar a participação dos alunos na sala de aula. Ele preocupa com a aprendizagem dos alunos. O objetivo do professor da escola 2 é de minimizar as dificuldades e treinar a fala, os argumentos e assim treinando para chegar no ensino médio, na universidade sem dificuldade.

Seminário e Trabalho em Grupo

Esse procedimento (seminário), assim como a apresentação oral do trabalho que foi citado acima ajuda na motivação e na participação dos alunos nas atividades em sala de aula. O professor passou uma atividade solicitando que os alunos planejassem uma fala de alguma parte do livro e fizesse uma apresentação de forma diferente. Essa atividade foi individual, e o intuito dessa técnica é para promover e desenvolver a oralidade dos alunos.

O trabalho em grupo tem um papel muito importante também, porque estimula os alunos a aprenderem as atividades coletivas com os colegas de classe.

2.2.2 Procedimento de ensino de Geografia no Projeto Político Pedagógico

Analisando o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola 2 percebe-se que o objetivo dessa escola é despertar nos alunos uma educação da escola democrática e participativa, onde a aprendizagem é o foco principal em que o aluno possa aprender a construir seu próprio conhecimento, aprender a ser um cidadão crítico diante da sociedade em que vive.

Para que se obtenha esse objetivo, a escola 2 promove um ensino de qualidade em que professores e alunos são sujeitos do processo de construção do conhecimento, que está relacionado com a sociedade e a historicidade. O saber é algo que se constrói em relação ao sujeito e ao ensino na teoria e na prática.

A escola 2 também lida com vários recursos didáticos para que os alunos tenham um melhor aprendizado, que são vários projetos elaborados pela equipe gestora dessa instituição. Os recursos didáticos identificados foram: Viva e reviva Goiás; Viva e reviva-mananciais hídricos da cidade de Goiás e outros.

O recurso que destacou mais nesta instituição foi o projeto Viva e Reviva Goiás. Esse projeto é desenvolvido dentro de uma proposta da Secretaria Estadual de Goiás, o Viva e Reviva Goiás vem com uma proposta de valorizar a história goiana buscando dar oportunidade para os alunos a ter contato com a história local e assim dando oportunidade também de conhecer os monumentos históricos e a bibliografia de pessoas relevantes, da Cidade de Goiás o patrimônio cultural.

O objetivo desse projeto Viva e Reviva Goiás é incentivar o corpo discente da escola 2 a conhecer, valorizar e preservar o patrimônio histórico-cultural material e imaterial e ambiental da Cidade de Goiás.

Plano de Ensino de Geografia da Escola 02

Papel do plano de ensino

O Plano de ensino é a previsão dos objetivos e das tarefas do trabalho docente, para um ano ou semestre, é um documento mais elaborado dividido por unidades sequencias, no qual aparecem objetivos específicos, conteúdos e desenvolvimento metodológico.

O plano de ensino da escola 2 foi elaborado a partir de cada série e de cada disciplina, destacando as atividade interdisciplinares, transdisciplinares e atividades individuais e coletivas.

Objetivo

A Geografia é a ciência que estuda, analisa e procura conhecer o espaço, como disciplina escolar. O objetivo dessa disciplina é fazer com que o aluno se perceba como sujeito ativo do espaço e que ele também possa perceber que os

fatos e fenômenos que ocorrem no mundo são resultados do trabalho da sociedade em geral.

Segundo Cavalcanti (2002), a geografia escolar tem como objeto de estudo o espaço, que esse espaço pode ser entendido como um espaço social, concreto, e em movimento.

Na escola 2, a Geografia tem um papel importante na interdisciplinaridade na construção e consolidação da consciência da cidadania dos alunos. A compreensão das relações entre sociedade e espaço geográfico com a disciplina de Geografia auxilia na construção de um olhar crítico para a formação de pessoas com condições de transformar conscientemente, para uma melhor qualidade de vida, o lugar, a região, o país, assim como, o planeta onde vivem.

Conteúdo

Os conteúdos da disciplina de Geografia são instrumentos essenciais para a leitura do mundo, sendo fundamental importância, para que o aluno possa interagir com o espaço, e desenvolver as capacidades e habilidades nas dimensões intelectuais, física, afetiva, social e moral, ou seja, é necessário que a Geografia trabalhe com as atividades cotidianas do aluno, para que este possa desenvolver o raciocínio geográfico e de um olhar mais científico e crítico sobre o mundo.

Metodologia

A escola é um espaço de produção do conhecimento sistematizado, e tem como tarefa ensinar os alunos a aprender e ao mesmo tempo a compartilhar o saber através de um espírito crítico, construindo seus próprios conhecimentos, valores e habilidades, que são importantes para o convívio com a sociedade e com a cultura.

Para que as aulas de Geografia se tornem mais dinâmica e satisfatória, é preciso que o professor faça uma aproximação dos conteúdos geográficos com as atividades do dia-a-dia dos alunos. O professor também deve procurar atualizar os discursos teóricos metodológicos da disciplina de Geografia, assim como trazer para a sala de aula o uso dos recursos tecnológicos, e valorizar os conceitos, categorias e procedimentos próprios da Geografia.

Especificidade 1º ao 9º ano

O Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano é muito importante para buscar e valorizar tudo o que apresenta de forma concreta o que faz parte do dia a dia dos alunos. Nesta fase, os alunos possuem um grande e diverso tipo de conhecimento construído a partir das experiências cotidianas que ele vivenciou.

Podendo assim incluir essas atividades cotidianas como: moradia, vizinhança, bairro, cidade e também a sociedade tecnológica que são as informações recebidas pelos meios de comunicação (livros, revistas, televisão, rádio, jornal e a internet).

Isso faz com que o aluno através do seu próprio conhecimento e das atividades cognitivas seja capaz de compreender as dimensões complexas que adquiriram na contemporaneidade, para que compreendem o local é o global, o passado e o presente.

Especificidade do 9º ano e Ensino Médio

No 9º ano do Ensino Fundamental e no Ensino Médio a referência do ensino e da aprendizagem são práticas de problematizar os conteúdos. Os resultados terão como meta a expansão do raciocínio abstrato, relacionando entre os conceitos necessários ao desenvolvimento dos temas tratados. Como em todas as fases de ensino, é de suma importância manter sempre uma necessária ligação entre a realidade social, com o seus desafios.

Diante da análise do documento PPP (2011) da escola 2, deve ser enfatizado com os jovens e adolescentes o estudo da geografia do mundo tendo em vista as grandes mudanças que estão ocorrendo como resultado dos processos de globalização e de regionalização, de um lado, e de fragmentação, de outro. Deve-se retomar temas já desenvolvidos, mas analisando a lógica capitalista que preside a estruturação do espaço no mundo atual, para os alunos entenderem os fenômenos sociais, econômicos, políticos, culturais e ambientais que acontecem no espaço geográfico mundial e compreenderem criticamente os acontecimentos veiculados pelos noticiários pedagógico.

No próximo capítulo apresentam-se as discussões que se concentrarão em torno do procedimento de ensino de Geografia a partir, sobretudo, da aula de campo com foco no ensino de cidade e no ensino de cartografia.

CAPÍTULO 03 – TRABALHO DE CAMPO NA PRÁTICA DOCENTE EM GEOGRAFIA

No ensino da Geografia é preciso considerar a espacialidade do aluno, ou seja, compreender o papel do espaço nas práticas sociais juntamente com um melhor entendimento na configuração do espaço. De acordo com Cavalcanti (2002) a educação geográfica deve considerar a espacialidade das coisas como um fenômeno vivenciado seja de forma direta ou indireta, que é de extrema importância para a formação do raciocínio espacial.

Para que seja possível entender o espaço vivenciado o aluno deve aprender a olhar o seu redor em um contexto mais amplo, levando em consideração o local em que vive. O ensino escolar amplia a capacidade do aluno em compreender o mundo em que vive, pois organiza os conhecimentos adquiridos no cotidiano ampliando os rumos aos conhecimentos científicos.

Nesta perspectiva, a metodologia do trabalho de campo possibilita ao aluno estabelecer uma relação entre teoria e prática, proporcionando uma compreensão da organização do espaço geográfico e a realização de uma análise do mesmo.

No estudo do meio da geografia, o espaço e o tempo não se separam, pois as observações sensíveis permitem uma aproximação concreta com problemas estudados pela história e pela geografia, com questões propostas por alunos e professores. O meio é uma geografia viva. A escola, o córrego próximo, a população de um bairro, o distrito industrial, um parque, uma reserva florestal, um shopping, um hipermercado, a chácara vizinha são elementos integrantes de um espaço, que podem ser pontos de partida para uma reflexão (PONTUSCHKA, 2005, p. 260).

O estudo do meio, portanto, de acordo com Pontuschka (2005), acontece na interação do aluno com a paisagem, a partir de um contato direto com as realidades, na medida em que ele expressa o seu interesse em compreender o espaço de que é parte integrante.

Contudo, Alentejano, Rocha-Leão (2006) dizem que o trabalho de campo não pode ser simplesmente um mero exercício de observação da paisagem, mas deve partir da mesma para entender a dinâmica do espaço geográfico, num processo mediado pelos conceitos geográficos.

Neste mesmo contexto, Cavalcanti (2012) coloca a observação da paisagem inicialmente como um elemento importante na dimensão aparente da realidade geográfica.

Na geografia a paisagem, como dimensão aparente da realidade, constitui uma dimensão a ser observada inicialmente. A observação direta, por exemplo, de um lugar de vivência do aluno, ou indireta, de uma paisagem representada, pode fornecer elementos importantes para a construção de conhecimento referente ao espaço nela expresso (CAVALCANTI, 2012.p 181).

A autora destaca ainda que o objeto ou local a ser estudado no momento da observação deve ser guiado pela curiosidade do aluno, com isso será possível que os mesmos possam descrever aquilo que foi observado, e também ouvir o que foi observado pelos outros, sendo assim possível retratar e refletir as diferenciações observadas.

O trabalho de campo ao ser realizado deve possuir como objetivo proporcionar uma análise das/entre relações existentes no espaço geográfico, pois é através do trabalho de campo no estudo da Geografia que será possível entender essas relações. É necessário que o trabalho em campo não seja considerado como turismo, pois o pesquisador deve estar focado ao objetivo a ser estudado.

Assim, Cavalcanti (2005) diz ser necessário que seja planejado o trabalho de campo, garantindo que cumpram três etapas essenciais para a realização do estudo do meio, que são: a) a preparação - nesta etapa é mais importante a mobilização do aluno, a problematização do conteúdo e o contato com representações do meio a ser estudado (texto, mapas, fotos); b) a realização do trabalho de campo - consiste na observação, registro e descrição do que os observam e a coleta de informações; c) a exploração do trabalho realizado em sala de aula – nesta etapa deve ser feita as sínteses do trabalho e a exposição dos resultados.

O trabalho de campo esteve presente na trajetória da disciplina de Geografia, assim como fez parte das práticas em outras disciplinas também. Esse procedimento é considerado muito importante para o aprimoramento da informação e do conhecimento. Nesse sentido, será apresentada a relevância do trabalho de campo para o ensino da Geografia ao longo da trajetória da ciência geográfica a partir da leitura que Carneiro (2009) faz de alguns autores sobre o assunto.

Carneiro (2009) destaca o pensamento de Santos (1999) sobre o trabalho de campo no início do século XX na Geografia:

Podemos afirmar que os geógrafos do princípio do século XX viveram experiências empíricas importantes que em certos momentos pareciam repetir-se de modo enfadonho, mas em outras realidades revelaram-se diferentes, novas, e sob vários aspectos, surpreendentemente fascinantes. (SANTOS, 1999, p. 112, Apud. CARNEIRO, 2009).

De acordo com a leitura de Carneiro (2009) os pressupostos de Santos apontam para uma noção de que as vivências de sala de aula podem se tornar enfadonhas, mas à medida que essas experiências se estendem para novos espaços, diferentes abordagens podem ser feitas, e novas descobertas acontecem. Isso nos permite dizer que as aulas de campo no ensino de Geografia podem contribuir para o enriquecimento das aprendizagens teóricas que se dão exclusivamente no espaço escolar.

As contribuições de Humboldt para o trabalho de campo na Geografia é ponto destacado por Aves (1997), conforme nos indica Carneiro (2009):

A herança deixada por Humboldt no que diz respeito à prática do trabalho de campo, no meu entender, constitui em um ensinamento importante para nós geógrafos, sobretudo para aqueles que adotam tal procedimento como um recurso a mais para o desvendamento da paisagem. Nesse sentido, considero que o trabalho de campo pode indicar caminhos que possibilitem obter novas interpretações sobre a realidade estudada. Contudo, é importante estarmos atentos para o fato de que o ato de observar, para o geógrafo, não deve ocorrer nem sem emoção e muito menos sem o compromisso com a realidade que se investiga; é preciso, ao mesmo tempo, colocar em prática o exercício de observar, aliado ao de sentir e refletir (ALVES, 1997, p. 85, Apud. CARNEIRO, 2009).

De acordo com a leitura de Carneiro (2009) o que Alves (1997) nos diz é que o “campo” não deve se constituir apenas em um espaço no qual a aula acontece, tal como a sala de aula se constitui em espaço de abrigagem das aulas. Muito mais que um lugar, o “campo” é um espaço no qual, de acordo com Alves, viabilizam-se as interações aluno/espaço, os diálogos entre teoria e prática, as constatações de tudo aquilo que o conhecimento teórico traz. Portanto, as aulas de campo oferecem momentos para que sejam acionados os sentidos e sejam feitas reflexões a partir do contato direto com a geografia na sua forma física, humana, social.

Carneiro (2009) destaca que as emoções constituem outro componente importante para a aprendizagem em Geografia. Dessa forma, as características metodológicas de Humboldt por meio da ida ao campo devem fazer parte da lide geográfica. Se isso deixa de acontecer, podemos afirmar que uma parte dos profissionais da geografia sofre de “cegueira geográfica”.

Nesse sentido, Carneiro (2009) considera que é importante aliar as teorias (o abstrato) às experiências empíricas, ou seja, aquilo que os nossos sentidos captam e constatarem deve ser estudado à luz de um arcabouço teórico, a fim de que se construam novos conhecimentos.

Carneiro (2009) declara que os trabalhos de campo, seja com objetivo pedagógico ou com vistas à pesquisa, faz parte da formação do geógrafo e também do ensino de geografia desenvolvido na escola.

Nos próximos tópicos, discutiremos sobre alguns conteúdos da geografia escolar, a exemplo do estudo da cidade e da cartografia, com vistas à compreensão da espacialidade a partir dos pressupostos de Cavalcanti (2008) e Similelli (2006); serão apresentadas também experiências de ensino sobre esses conteúdos.

3.1 Cidade como conteúdo da Geografia Escolar

O espaço urbano tem ocupado, nos últimos anos, lugar de relevância nas propostas curriculares, e isso acontece porque existe uma preocupação identificada como vinculação entre as teorias estudadas e a vida cotidiana: contextualização e significação dos conteúdos.

O estudo da cidade contribui para a apreensão de sua dinâmica interna, ou seja, para a compreensão de alguns de seus elementos essenciais, como a produção, a circulação e a moradia (CAVALCANTI, 2008).

Portanto, a proposta de Cavalcanti diz que é importante estudar a cidade na escola porque aí “é o lugar onde as pessoas produzem sua vida cotidiana mais elementar, em casa, em sua privacidade, na convivência com seus amigos e familiares”. (CAVALCANTI, 2008, p. 91). A autora ressalta que existe uma necessidade de aquisição da habilidade de ler a geografia da cidade, pois esse espaço urbano, segundo Cavalcanti, é como um livro, “...uma escrita, um sistema de significações ... (p. 91).

O espaço urbano pode ser estudado, de acordo com a proposta de Cavalcanti,

[...] pelo caminho da observação de suas paisagens por crianças e jovens, possibilita distinguir os lugares de consumo (restrito ou geral), os lugares interditados, os lugares permitidos. [...] A cidade pode também ser lida e compreendida por meio de seus lugares de manifestação de identidades e de resistência, particularmente a que acontece em lugares públicos. São as ruas, as praças e os parques os lugares mais democráticos do ponto de vista do acesso de todos os habitantes (CAVALANTI, 2008, p. 94-95).

Estudar a cidade, portanto, é interagir com ela, dialogar com sua dinâmica, com seus aspectos físicos, sociais, políticos, culturais, econômicos etc., a fim de entender a sua "**anatomia**" em toda a sua abrangência. (Grifo nosso).

Não se tem dúvida, portanto, de que o ensino de Geografia traz contribuições para a configuração da cidadania por meio da aquisição do conhecimento e de habilidades que possibilitem a compreensão do mundo em todas as suas nuances. Esse exercício, entretanto, requer uma experiência, uma prática que se dê nas formas de comportamentos, hábitos, ações ligadas à noção de cidade.

De acordo com Cavalcanti (2008),

A vida nas cidades é cada vez mais um fato mundial, pois, a partir do século XIX, toda a sociedade passa a ser organizada em função do espaço urbano. Sendo assim, a cidade torna-se um projeto de formação da cidadania. A escola, porém, não é a única instância de formação de concepções e práticas da cidade, habilidades básicas no exercício da cidadania. As práticas de organização e gestão da cidade, os resultados dessas práticas e a própria experiência cotidiana são também formadoras de cidadania (CAVALCANTI, 2008, p. 81-82)

Em outras palavras, as pessoas adquirem cidadania ou tornam-se cidadãs a partir das contribuições de vários elementos, sobretudo da escola, é claro, não sendo ela o único elemento capaz desse feito. À escola cabe o trabalho com o conhecimento e a construção de significados. Nesse sentido, ela constitui o lugar de encontro e confronto entre as diferentes concepções de cidade. Nesse espaço escolar, entram em debate os saberes científico e cotidiano.

Se a escola assume o tema da cidade e dos elementos que a configuram como espaço urbano, e adota isso como um conteúdo educativo, ela precisa propor atividades de confronto: o saber da ciência e o saber empírico possuem visões ora

convergentes, ora divergentes sobre a noção de cidade. A ideia objetiva e a noção subjetiva precisam entrar em diálogo, a fim de que se estabeleçam reflexões capazes de proporcionar a construção do conhecimento.

Assim,

A imagem subjetiva que cada qual forma espontaneamente de seu meio; outra imagem mais objetiva, global e profunda que as próprias instituições educativas não de contribuir para configurar a partir da anterior; e uma terceira imagem que é a imagem da cidade a construir; ou seja, uma imagem forjada com os materiais do desejo (talvez inclusive utópicos) que possa contrastar-se com a realidade presente e orientar assim a participação para edificar uma cidade melhor e mais educadora para todos (Apud. BERNET, 1997, p. 34).

Conforme os pressupostos de Bernet (1997), vimos que, na base da construção do significado de cidade estão os elementos objetivos e subjetivos. À Geografia cabe o confronto entre as modalidades de conhecimento, para que se reflita sobre a complexidade do espaço urbano.

Nesse caso, conforme já dissemos, a aula de campo se faz importante para o aperfeiçoamento da informação e do conhecimento. Isso equivale a dizer que a junção da teoria e a prática são a característica principal da aula de campo.

3.1.1 Trabalho de campo e o ensino de cidade na escola

Ao realizar uma proposta de desenvolvimento sobre o Ensino de Cidade na escola 1 foi elaborado um plano de ensino (apêndice) com a unidade didática temática “A formação e apropriação do território da cidade onde a escola se localiza”. Esse tema foi elaborado para relacionar com a matéria que os alunos estavam estudando.

Com base nessa unidade didática, foram feitos dois planos de aula, com 100 minutos cada um sendo duas aulas de 50 minutos para cada plano.

O objetivo do primeiro plano de aula (apêndice) foi o de fazer com que os alunos compreendessem o processo de formação da Cidade de Goiás e entendessem a importância da preservação da arquitetura antiga (colonial) nesta cidade. A execução dessa proposta foi iniciada com uma conversa informal a respeito do processo do tema, ou seja, destacamos como seria a realização dessa atividade. No desenvolvimento da atividade propusemos as seguintes atividades:

elaboração de um texto feito pelos alunos sobre a cidade de Goiás (apêndice); exibição de um vídeo de trinta minutos sobre o tema; e estudo de um texto com auxílio de questionário a ser respondido e entregue (apêndice). O vídeo trata sobre os monumentos históricos da Cidade de Goiás como Museu das Bandeiras, Igreja da Boa Morte, Casa de Cora Coralina, Praça do Coreto e outros, e também fala das festividades religiosas.

No segundo plano de aula, o objetivo foi que os alunos compreendessem o uso do espaço público da Cidade de Goiás. Os conteúdos abordados foram: o uso do espaço público de Goiás e os bens de relevância e cultural da Cidade de Goiás. Iniciamos a aula estimulando os alunos para que entendessem o uso desses bens, em específico, a Praça do Coreto em dias de festividades e dias normais. Assim, foram elaboradas algumas atividades (em apêndice). Na primeira atividade solicitamos a análise do mapa do centro histórico da cidade de Goiás, em grupo, para que os alunos escolhessem quatro bens de relevância cultural e escrevessem um pequeno texto informando o que soubessem sobre esses bens a partir das seguintes perguntas: como ele é? Quais atividades eram desenvolvidas nele no passado e quais atividades são desenvolvidas atualmente? Na segunda atividade, fizemos uma visita à Praça do Coreto para observar o uso da praça em dias comuns na Cidade de Goiás. Solicitamos também que os alunos escrevessem um texto sobre o uso da Praça do Coreto em dias de festa (Semana Santa, Carnaval e FICA) e como é o uso da Praça em dias normais.

Nas atividades desenvolvidas ao longo das quatro aulas conseguimos a participação de todos, embora com muitas dificuldades. Apesar de o tema abordado possuir bastante relevância, há muita rejeição pelos alunos sendo considerado um tema de pouca significância para ser estudado. O professor de Geografia da Escola também apresentou resistências para abordagens dos temas sobre a cidade de vivência dos alunos, apesar de ele mesmo ter nos proposto o trabalho com esse assunto.

A partir dessas atividades que elaboramos para os alunos, o objetivo que queríamos alcançar é que ficassem claras as informações para os alunos sobre a formação do território da Cidade de Goiás, e que eles também entendessem a importância da preservação da arquitetura antiga (colonial, mineração) da Cidade.

Na praça do coreto juntamente com o professor e os alunos, conversamos sobre a praça nas décadas passadas das atividades que acontecia

nela, de como ela era usada e como era a paisagem da praça naquela época e como é a paisagem hoje. Conseguimos que os alunos analisassem a paisagem do antes e o depois da praça. Ao chegar na praça disponibilizamos para os alunos uma fotografia da praça do coreto da década de 30, foi interessante.

Ao analisar e avaliar as atividades feitas pelos alunos, vimos que os mesmos compreenderam bem o conteúdo proposto sobre a formação do território da Cidade de Goiás, de como se formou a população vilaboense e as causas da transferência da capital para Goiânia. Os alunos também aprenderam a importância da preservação dos monumentos históricos da cidade, conseguiram destacar a praça do coreto como um dos bens de relevância com muita importância para a população, e inclusive para os jovens que buscam fazer dela uma parte de seu cotidiano e de lazer, eles conseguiram analisar em volta da praça e destacar os códigos de comunicação as esferas de valores e as técnicas de construção.

3.2 Cartografia como conteúdo da Geografia Escolar

A proposta de Simielli (2006) é que o ensino de cartografia seja desenvolvido em torno de dois eixos: leitor crítico e mapeador consciente. No eixo do leitor crítico trabalha com o uso dos produtos cartográficos já elaborados como os mapas, as cartas e as plantas e que estejam de acordo com as convenções cartográficas. A proposta é que os alunos aprendam a fazer atividades de leitura que vá de uma perspectiva mais simples a outra mais complexa conforme os seguintes níveis: localização e análise, correlação e síntese. O eixo do mapeador consciente propõe que alunos aprendam cartografia através da construção de produtos cartográficos como o croqui, o mapa mental e a maquete.

A proposta de Simielli considera também os conteúdos de cartografia que tem que ser ensinados ao longo de toda a educação básica.

De 1ª a 4ª série propõe a alfabetização cartográfica. A alfabetização cartográfica e a preparação do aluno para que ele possa ter a capacidade de analisar e entender o mapa, e para que essa alfabetização seja de boa qualidade, e preciso que o aluno seja capaz de compreender corretamente os elementos que compõe os mapas, que são fundamentais para fazer uma boa leitura, pois o mapa, a carta, ou até mesmo um gráfico traz muitas informações.

Na proposta de Simielli (2006) devem iniciar oferecendo aos alunos elementos para que a criança de 1ª e 4ª série compreendam os processos necessário para a realização das representações gráficas (mapas). Para chegar a esse objetivo a autora diz que devemos oferecer aos alunos vários recursos visuais, desenhos, fotos, maquetes, mapas e tabelas fazendo com que o aluno acostume com essa linguagem visual. Assim a cartografia para o nível fundamental da primeira fase, deve iniciar o trabalho com estudo do espaço concreto do aluno, o mais próximo dele, ou seja, o espaço da escola, o espaço do bairro (SIMIELLI, 2006).

Para os alunos da 5ª a 8ª série a proposta da autora está vinculada a análise/localização e correlação. Quando é trabalhado em sala de aula a análise/localização, os alunos localizam e analisam um determinado fenômeno no mapa. E quando é trabalhado a correlação os alunos são capazes de comparar duas, três ou mais ocorrências, ou seja, permite a combinação de duas ou mais cartas de análise em que consiste trabalhar com representações cartográficas mais elaboradas, como as maquetes, a fim de que o aluno constate as diferentes formas topográficas, correlacionando-as com a realidade representada. Essa etapa consiste no trabalho com mapas, cartas, plantas, em escala ascendente. Portanto, o estudo é feito a partir de produtos cartográficos já elaborados. Trata-se de um nível em que o aluno é capaz de localizar e analisar situações mapeadas nos atlas e documentos afins (SIMIELLI, 2006).

No Ensino médio destacam-se os níveis, análise/localização, correlação e síntese, nesta fase os alunos terão que trabalhar com esses três níveis proposto. Neste sentido a síntese que é o último nível, embora nem todos os professores de geografia cheguem a esse nível. Então a síntese que é um nível mais complexo o aluno analisa, correlaciona aquele espaço e faz uma determinada síntese de tudo (SIMIELLI, 2006).

3.2.2 Trabalho de campo e o ensino de cartografia na escola

Como vimos anteriormente o ensino da cartografia conforme a proposta de Simielli (2006) auxilia na aprendizagem da leitura e construção de mapas tendo como base a vivência dos alunos. Nesse sentido foi realizado, no âmbito do Estágio Supervisionado em Geografia I, um conjunto de aulas sobre o tema para os alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental (Apêndice 03).

Assim foram elaboradas seis aulas a partir do tema “Cartografia Temática”. Nas duas primeiras aulas questionamos aos alunos sobre: O que é cartografia? O que ela representa para a geografia? Para que serve a cartografia? Alguns alunos responderam que a cartografia serve para saber ler um mapa e outros não sabiam. Desta forma foi possível destacar, de acordo com suas respostas, que a Cartografia Temática seria basicamente os mapas, os quais possuíam a função de localização de um determinado país, estado e cidades. Nesta perspectiva, as aulas foram pautadas no desenvolvimento de atividades que proporcionasse uma compreensão mais ampla sobre o assunto abordado.

Neste sentido, procuramos trabalhar o tema de forma ampla abordando o geral, por exemplo como se elabora um mapa, os seus elementos cartográficos. Com o conteúdo trabalhado elaboramos atividades com a leitura de mapas, ou seja, elaboramos atividades para que os mesmos pudessem interpretar os mapas através das legendas e depois pedimos que eles construíssem uma legenda destacando a região trabalhada (apêndice). O intuito era despertar nos alunos a importância da leitura e tentar amenizar suas dificuldades com relação as representações cartográficas, ou seja, procuramos contribuir com o conhecimento dos alunos sobre a compreensão de um mapa a partir da leitura e interpretação dos textos e as representações cartográficas.

Depois destes questionários, falamos sobre a importância da cartografia e explicamos sobre os principais elementos do mapa: o título, legenda, escala, orientação e fonte. Os alunos fizeram várias atividades em relação ao aprendizado da cartografia (apêndice). A primeira atividade que os alunos desenvolveram foi a resolução de um questionário abordando conceitos referentes à cartografia. Em seguida apresentamos aos alunos os elementos cartográficos, explicamos cada um dos elementos detalhadamente, qual a sua função e como construir tal elemento. Depois da explicação dessa atividade pedimos para os alunos, que eles analisassem em seus livros didáticos quatro mapas com escalas diferentes para fazer comparações, entre uma escala numérica e a gráfica.

Na terceira e quarta aula, trabalhamos com os alunos uma atividade com orientações para trabalhos práticos, em que destacamos as variáveis visuais, como: pontual, linear e zonal. Também realizamos uma atividade com o círculo das cores, destacando as cores frias e as cores quentes, (apêndice).

Nas últimas aulas trabalhamos com a elaboração de mapas, a partir dos elementos ensinados para os alunos nas aulas anteriores. Assim disponibilizamos para esses alunos mapas em branco para que eles elaborassem temas, e a partir desses temas realizassem legendas e etc. Solicitamos também que os alunos realizassem um mapa mental entre a escola e a praça do Chafariz (apêndice). Os alunos realizaram essa atividade, o mapa foi feito individualmente utilizando as experiências que eles tinham no dia a dia, das observações que eles presenciaram no percurso da escola para casa ou até mesmo por um passeio pela cidade. A segunda parte dessa atividade seria uma aula de campo, em que levaríamos esses alunos para fazer o percurso entre a escola e a praça do Chafariz, e durante o percurso era para anotar os nomes das ruas que ficam entre esse percurso, chegando na praça informaríamos aos alunos a posição do sol na praça, para eles entender a orientação pelo sol e colocaríamos no mapa a orientação corretamente. Mas infelizmente a segunda parte dessa atividade não foi realizada devido ao calendário do ano letivo, pois os alunos entraram de férias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, estruturado em três capítulos, discutiu-se sobre o ensino de Geografia a partir dos procedimentos de ensino, em especial o aula de campo (estudo do meio), abordando o ensino de cidade e o ensino de cartografia. O objetivo geral dessa pesquisa foi o de compreender a relevância dos procedimentos de ensino para a realização do Ensino de Geografia nas escolas de ensino básico da cidade de Goiás. A metodologia utilizada foi a da pesquisa qualitativa com o auxílio dos instrumentos que são os levantamentos bibliográficos, observações de aulas e a realização de aulas em duas escolas estaduais.

No primeiro capítulo foi discutido sobre os procedimentos de ensino no ensino da Geografia, destacando os elementos do ensino escolar. Assim podemos destacar que procedimentos seja um elemento do ensino desde que se leve em considerações; os objetivos, que devem nortear os conteúdos e os métodos de ensino. Deste modo os objetivos os métodos e conteúdo são elementos que favoreça um ensino de boa qualidade.

Assim, a aprendizagem está relacionada uma dinâmica docente e discente, em que o ato de ensinar é a mediação que o professor faz entre a matéria e o aluno e que desperte nele seu desenvolvimento cognitivo. Neste sentido um professor para que seja considerado um bom professor e que tenha uma boa didática, tem que fazer o papel de professor mediador, pois este se preocupa em despertar no aluno atividades cognitivas com a matéria que é uma espécie de mediação do professor.

No segundo capítulo, foi abordado os procedimentos de ensino na prática docente em Geografia na escola, em que foram observadas várias aulas em duas escolas estaduais na cidade de Goiás, para compreender como são usados e quais são os procedimentos de ensino utilizados nas aulas de Geografia do ensino Fundamental e Médio.

Esta pesquisa contribuiu muito para a minha formação, pois a cada capítulo elaborado eu aprendi muito sobre o Ensino da Geografia, da importância dos procedimentos de ensino, da importância dessa ciência nas escolas e na vida escolar de cada crianças de cada jovem, ou seja na vida do ser humano.

Apreendi também o quanto é importante o uso dos procedimentos de ensino nas aulas de Geografia, e o quanto a aula de campo é importante para os alunos, pois através desse procedimento de ensino os alunos são capazes de entrar em contato com a realidade em que eles vivem, ter a oportunidade de observar, analisar um fato real. E através da aula de campo os alunos poderão ter uma visão de teoria e prática, ou seja, ter um olhar crítico da realidade.

Ao realizar as atividades no decorrer do desenvolvimento deste trabalho, no terceiro capítulo que foi abordado os temas de Ensino de Cartografia e Ensino de Cidade juntamente com o procedimento de ensino aula de campo, pudemos perceber como a Cartografia é importante para os alunos, na leitura e na construção dos mapas. E a importância do Ensino de Cidade com relação às escolas, assim como diz Cavalcanti (2008), que a escola não é a única que transmite conhecimento, a cidade também é um lugar de formação de cidadão.

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, Paulo R.R, ROCHA-LEÃO, Otávio M. Trabalho de Campo: Uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento Banalizado? **Boletim Paulista de geografia**, São Paulo-SP, 2006.

ALVES, V. E. L. Trabalho de campo: uma ferramenta do geógrafo. **GEOUSP**, São Paulo: n. 2, p. 85-89, 1997.

CALLAI, Helena Copetti. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In CASTROGIOVANNI, Antônio (org.). Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. – Porto Alegre: Mediação, 2000.

CASTELLAR, S. M. V. **A percepção do espaço e a distinção entre o objeto e o seu nome**. Caderno CEDES, Campinas, n. 39, p. 88-96, 1996.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Cotidiano, medição pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia*. In: **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 26, n. 66, pp. 185-207, maio/ago, 2005.

CAVALCANTI, Lana de Souza, **O Ensino de Geografia na Escola**, Campinas-SP: Papyrus, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e Práticas de Ensino**, Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia Escolar e a Cidade**: Ensaio sobre o Ensino de Geografia Urbana Cotidiana, Campinas-SP: Papyrus, 2008.

CARNEIRO, Vandervilson Alves. **Concepção de trabalho de campo e ensino de geografia nas licenciaturas do sudoeste goiano**, Goiânia, 2009. Dissertação de mestrado programa de Pós Graduação em geografia. Universidade Federal de Goiás.

KAERCHER, Nestor André. **A Geografia escolar**: Gigante de pés de barro comendo pastel de vento num fast food? Terra Livre, Presidente Prudente, ano 23, v. 1, n. 28, p. 27-44, jan.-/jun./2007.

LIBÂNEO, J. C.. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

VLACH, V. R. f. **“Acerca da geografia, da política, da geograficidade**: Fragmentos metodológicos”. Sociedade & Natureza, ano 11, n. 21 e 22 (jan.-dez.), pp 97 – 109.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib. **O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes** In: VESENTINI, J. W. (Org.). *O ensino de geografia no século XXI*. São Paulo: Papyrus, 2005.

SANTOS, R. J. Pesquisa empírica e trabalho de campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 11, n. 21/22, p. 111-125, 1999

SIMIELLI, Maria Elena. A cartografia no ensino de Geografia . In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Orgs). *Geografia na sala de aula*. 8 ed. São Paulo-SP: Contexto,2006.

- APÊNDICE

APÊNDICE 01 – PLANOS DE AULA REALIZADO NA ESCOLA I

Plano de Aula

Disciplina: GEOGRAFIA	Série: 3º Ano Ensino Médio	Carga Horária: 2 aulas
Professoras: Ana Izabela B. de Moraes Glenia P. Barroso		Data: 02/10/2013

Unidade Didática: A FORMAÇÃO E APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO DA CIDADE ONDE A ESCOLA SE LOCALIZA.

Objetivo

- Compreender o processo de formação da Cidade de Goiás
- Entender a preservação da arquitetura antiga (colonial, mineração) na Cidade de Goiás.

Conteúdo

- Processo de formação da Cidade de Goiás
- Preservação da arquitetura antiga (colonial, mineração) na Cidade de Goiás.

Metodologia

- Solicitar que os alunos escrevam um breve texto explicando o que conhecem sobre a formação da Cidade de Goiás em folha destacada para ser entregue.
- Questionar os alunos sobre o conteúdo dos textos deles.
- História da cidade de Goiás com duração de 25 a 30 min.
- Disponibilizar para os alunos um texto sobre a formação da Cidade de Goiás e solicitar que em grupo de três alunos respondam ao questionário sobre esse texto a ser entregue ao final da aula.

Avaliação

- Elaboração do texto sobre a Cidade de Goiás
- Resposta ao questionário
- Participação no debate sala de aula

Referências

LIMA, Elder Rocha. **Guia afetivo da Cidade de Goiás**. IPHAN, Brasília, 2008.
CASTRO, João Alves de. O Estado e a Apropriação do Território de Goiás, In, GOMES, Horiets. **O espaço Goiano: abordagens geográficas**. Goiânia, AGB, 2004.

Plano de Aula

Disciplina: GEOGRAFIA	Série: 3º Ano Ensino Médio	Carga Horária: 2 aulas
Professoras: Ana Izabela B. de Moraes Glenia P. Barroso		Data: 03/10/2013

Unidade Didática: A FORMAÇÃO E APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO DA CIDADE ONDE A ESCOLA SE LOCALIZA.

Objetivo

- Compreender como está sendo o uso do Espaço Público da Cidade de Goiás.

Conteúdo

- Espaço Público na Cidade de Goiás
- Uso dos bens de relevância histórico e cultural da Cidade de Goiás
- Uso da Praça do Coreto em festividades e dias normais

Metodologia

- Solicitar que em grupo de quatro alunos analise o mapa da Cidade de Goiás, escolha quatro bens de relevância cultural e escrevam um pequeno texto informando o que sabem sobre esse bem: como ele é? Quais atividades eram desenvolvidas nele no passado e quais atividades são desenvolvidas atualmente? E o motivo pelo qual ele considera esse bem importante. Ao final fazer o debate coletivo com o resultado do trabalho. A atividade deverá ser entregue as professoras ao final da aula.
- Solicitar que os alunos escrevam um texto sobre o uso da Praça do Coreto em dias de festa (Semana Santa, Carnaval e FICA) e como é o uso da Praça em dias normais, explicando o que pensam sobre esses dois tipos de uso– o texto deverá ser entregue as professoras ao final da aula.
- Fazer uma visita à Praça do Coreto para observa o uso da Praça do Coreto em dias comuns na Cidade de Goiás.

Avaliação

- Atividade sobre o mapa da Cidade de Goiás
- Produção de texto sobre o uso da Praça do Coreto
- Participação em sala de aula

Referências

LIMA, Luana Nunes Martins de. A procissão do Fogaréu na Cidade de Goiás: Identidade, cultura e território, **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, v. 32, n. 1, p. 121-133, jan./jun. 2012

MORAES, Dominga Correia Pedrosa. Elementos Culturais do Espaço Urbano de Goiás: fonte de conhecimento para o ensino de Geografia. **Revista territorial** – periódico eletrônico de geografia. Goiás-GO, v. 1, n. 1, 2012.

APÊNDICE 02 – PLANO ENSINO REALIZADO NA ESCOLA I

PLANO DE ENSINO

Disciplina: GEOGRAFIA	Série: 3º Ano Ensino Médio	Carga Horária: 12 hrs aulas
Professoras: Ana Izabela B. de Moraes Glenia P. Barroso		
Unidade Didática: A FORMAÇÃO E APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO DA CIDADE ONDE A ESCOLA SE LOCALIZA.		
Objetivos <ul style="list-style-type: none">• Identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre a Cidade de Goiás.• Conhecer a análise da Geografia para entender a realidade da Cidade de Goiás• Localizar o município de Goiás no estado, no Brasil e no mundo.• Entender o processo de formação territorial da Cidade de Goiás• Caracterizar a área urbana da Cidade de Goiás.• Mapear e caracterizar o uso dos espaços públicos da Cidade de Goiás em diferentes dias e horários da semana e do ano.• Entender o papel do estado e de diferentes grupos sociais no uso dos espaços públicos da cidade de Goiás.• Fazer um trabalho de campo para analisar o uso dos espaços públicos na Cidade de Goiás.• Avaliar o desempenho dos alunos e sua compreensão sobre o conteúdo estudado		
Conteúdo <ul style="list-style-type: none">• Processo de formação da Cidade de Goiás• Preservação da arquitetura antiga (colonial, mineração) na Cidade de Goiás.• Espaço Público na Cidade de Goiás• Uso dos bens de relevância histórico e cultural da Cidade de Goiás• Uso da Praça do Coreto em festividades e dias normais		
Metodologia <ul style="list-style-type: none">• Solicitar que os alunos escrevam um breve texto explicando o que conhecem sobre a formação da Cidade de Goiás em folha destacada para ser entregue.• Questionar os alunos sobre o conteúdo dos textos deles.• História da cidade de Goiás com duração de 25 a 30 min.• Disponibilizar para os alunos um texto sobre a formação da Cidade de Goiás e solicitar que em grupo de três alunos respondam ao questionário sobre esse texto a ser entregue ao final da aula.• Solicitar que em grupo de quatro alunos analise o mapa da Cidade de Goiás, escolha quatro bens de relevância cultural e escrevam um pequeno texto informando o que sabem sobre esse bem: como ele é? Quais atividades eram desenvolvidas nele no passado e quais atividades são desenvolvidas atualmente? E o motivo pelo qual ele considera esse bem importante. Ao final fazer o debate coletivo com o resultado do		

trabalho. A atividade deverá ser entregue as professoras ao final da aula.

- Solicitar que os alunos escrevam um texto sobre o uso da Praça do Coreto em dias de festa (Semana Santa, Carnaval e FICA) e como é o uso da Praça em dias normais, explicando o que pensam sobre esses dois tipos de uso– o texto deverá ser entregue as professoras ao final da aula.

- Fazer uma visita à Praça do Coreto para observa o uso da Praça do Coreto em dias comuns na Cidade de Goiás.

Avaliação

- Elaboração do texto sobre a Cidade de Goiás
- Resposta ao questionário
- Participação no debate sala de aula
- Atividade sobre o mapa da Cidade de Goiás
- Produção de texto sobre o uso da Praça do Coreto
- Participação em sala de aula

Referências

LIMA, Elder Rocha. **Guia afetivo da Cidade de Goiás**. IPHAN, Brasília, 2008.

CASTRO, João Alves de. O Estado e a Apropriação do Território de Goiás, In, GOMES, Horietes. **O espaço Goiano: abordagens geográficas**. Goiânia, AGB, 2004.

LIMA, Luana Nunes Martins de. **A procissão do Fogaréu na Cidade de Goiás: Identidade, cultura e território**, Boletim Goiano de Geografia. Goiânia, v. 32, n. 1, p. 121-133, jan./jun. 2012

MORAES, Dominga Correia Pedroso. **Elementos Culturais do Espaço Urbano de Goiás: fonte de conhecimento para o ensino de Geografia**. Revista territorial – periódico eletrônico de geografia. Goiás-GO, v. 1, n. 1, 2012.

APÊNDICE 03 – PLANOS DE AULA REALIZADO NA ESCOLA II

Plano de Aula

Disciplina: GEOGRAFIA	Série: 9º Ano Ensino Fundamental	Carga Horária: 3 aulas
Professoras: Ana Izabela B. de Moraes Mirian Ribeiro de Santana		Data: /11/2013

Unidade Didática: Representação Cartográfica nas aulas do Ensino Fundamental.

Objetivo

- Compreender o que é, e para que serve a cartografia.
- Aprender a ler e construir um mapa sobre a realidade
- Para que os alunos aprendam a se orientar pelo sol, e pelo uso da rosa dos ventos.

Conteúdo

- Representação Cartográfica.
- Os elementos cartográficos
- As cores enquanto recurso cartográfico.
- Cartografia Temática
- Praça do Chafariz

Metodologia

- Solicitar que em grupo de 2 alunos construa um mapa mental do percurso entre a escola e a praça do chafariz.
- Fazer o percurso da escola até a Praça do Chafariz e no caminho solicitar que o aluno compare seu mapa com a realidade e anote os elementos que gostaria de incorporar e/ou tirar do mapa.
- Na Praça fazer com os alunos a atividade de orientação pelo sol para identificar no terreno a direção dos pontos cardeais e posteriormente os alunos poder inserir essa informação no mapa.
- Fazer também uma apresentação sobre os aspectos geográficos da Praça do chafariz.
- No retorno a sala de aula - Solicitar que os alunos refaçam o mapa de acordo com as anotações que fizeram ao longo do percurso. Reforçar para que os alunos coloquem em seus mapas finais: título, legenda e indicação de pontos para orientação (Nomes de ruas/avenidas e demais lugares e também a indicação da direção do Norte).
- Solicitar que os alunos comparem os mapas deles com o mapa turístico da Cidade de Goiás.


Avaliação

- Atividade sobre a elaboração de um mapa mental.
- Avaliar durante o percurso da saída da escola até a praça do Chafariz.
- Conclusão da atividade após a aula de campo.
- Participação em sala de aula

**APÊNDICE 04 – ATIVIDADES REALIZADAS PELOS ALUNOS DA
ESCOLA I**



Lapaí
 Lapaí, 02 de outubro de 2013
 nome: Felipe Santiago
 Rui Filho

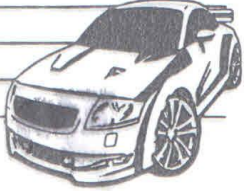

 3º "C"

No início, a antiga cidade de Lapaí, pertencio
 a capitania de São Paulo, mas Lapaí, Mato
 Grosso do Sul, Paraná e Lapaí, que no caso
 Lapaí só vive o se tema capitania independente
 a partir de 1750, mesmo ano da inauguração
 do Palácio "Lenda dos Avós".

A julgado de "vila boa" que hoje é a
 cidade de Lapaí, um fato na produção de
 ouro.

A cidade foi fundada no ano de 1732 oficialmente,
 que ocorreu por causa da união da bandeira
 paulista ao conceito do país, onde ocorreram os minas
 dos índios Quasés, que fazem extirpação da
 mais rápida que o próprio metal, onde habitava
 o nome Lapaí, Bartolomeu Bueno da Silva fundou
 o município de Antônio, dez anos depois foi rebatizado
 por Vila Boa de Lapaí, que mais tarde,
 já independente do capitania de São Paulo,
 um tema a cidade de Lapaí ou Lapaí Velha - que hoje
 é patrimônio histórico cultural - mundial pela UNESCO
 em 2003.

Never stop Running





03 . 10 . 13

Colegio Estadual Professor Alcides Julci

Geias, 03 de outubro de 2013

Alunos(a): Lauviana e Gabriela

Disciplina: geografia

3º em "C" respositivo



A praça do centro destacam-se aspectos da cultura da cidade, ruas com calçamento de pedras irregulares, casas construídas com parede-meia, nas construções do entorno da praça: Palácio Conde dos Arcos, Casarão, Salgados, Igreja da Boa morte. Elementos culturais como o uso de técnicas de construção usando a taipa-de-pilão.

Ainda pode-se destacar na praça outro componente da cultura apontado por Claval (1999), que é a "esfera de valores". Cada elemento da praça, prédios, edifícios artesanais, monumentos e cultura porque está impregnado de valores individuais ou coletivo, para moradores e visitantes.

Antigamente a entrada na praça era restrita proibida para pobres e negros, só era frequentada pela elite.

Goiás, 03 - Outubro - 2013

Aluna: Gabriela Gomes

Aluna: Kauiane Caroline

Série: 3ª em "C"



Casa de Cora

Cora nasceu em veículo passado, uma das maiores praças da cidade de Goiás, em 1911 foi para São Paulo, onde se casou e em 1956 com a morte de marido Cora retorna a Goiás, onde começou a escrever sobre sua cidade, relatando a beleza, tranquilidade das ruas de Goiás.

A famosa casa de Cora localizada às margens do rio Vermelho, na Rua Dom Cândido, Cora faleceu em 1985, deixou três filhos.

A sua Casa logo após sua morte, como não tinha ninguém para ficar com a casa, ela foi doada para o governo, ao construir suas instalações sobre sua casa passa a ser um museu, onde já se encontra, seus móveis, uma biblioteca, uma sala de visitação, à frente uma imagem de Cora Carolina.



03 - 10 - 13

Colégio Estadual Professor Alcide Yulce

Goiás, 03 de outubro de 2013

Série: 3ª em "C" Respertino

Professor(a): Ana e Gleiza

Aluno(a): Lauriane e Nayara

Disciplina: geografia

Resposta

1- A cidade de Goiás está localizada a 140 quilômetros da capital do estado Goiânia. Na cidade ocorre anualmente o festival internacional de cinema e vídeo ambiental (FICV), e a semana santa, na qual se faz a procissão do fogueirão.

A ocupação do território goiano a partir da cidade de Goiás está caracterizada pela corrida do ouro, que naquela época era bastante abundante na bacia Rio Vermelho, nome este recebido devido ao garimpo. Foi através da corrida do ouro pelos bandeirantes, que Goiás teve um alto índice de migração. No princípio foi chamada de Arraial de Sant'Ana, e anos mais tarde de Vila Boa.

Com o declínio do ouro e a transferência da capital para Goiânia a população só diminuiu.

A renda da população vem do turismo, agropecuária, agricultura e artesanato.

03 - 10 - 13



2- O maior momento que a cidade de Goiás
teve mais perda de seus habitantes foi quando se
deu a decadência do ouro fez com que a população
não só diminuiu-se, como também se espalhou
pelos sertões. Assim, a cidade de Goiás passa a
ter seu desenvolvimento focado na agricultura
de subsistência e na pecuária que contribuiu pa-
ra a formação de novos municípios como a cida-
de de Itaberaí. A transferência da capital do estado
foi um fator importante na perda da população
de Goiás.

3- A transferência da capital foi uma estratégia
política onde Chaves (2004) diz que os objetivos
políticos eram retratar as modelos urbanos da
cidade onde a mesma simbolizava o atraso.
a cidade de Goiás, ladeada de serras, desenhada
no vale do rio vermelho, antigas construções oriun-
da do período colonial. Também o ganho político
do então interventor do estado Pedro Ludovico contra
os caiados que controlavam a cidade de Goiás. foi
construído um discurso para a elaboração de
uma cidade para ser capital (goiásnia) que repre-
sentaria o progresso.

4- Pouca coisa mudou em sua fisionomia
urbanística, mesmo depois da República. a cidade
foi contemplada como patrimônio da humanidade
as pessoas têm seu sustento da agropecuária, agri-
cultura, comércio, artesanato e turismo



APÊNDICE 05 – ATIVIDADES REALIZADAS PELOS ALUNOS DA ESCOLA II

Colégio Estadual de Aplicação Professor Manuel Caiado.

Goiás, de Novembro de 2013.

Disciplina:

Professoras: Ana Izabela e Mirian.

Alunos (as):

Ano: 9º A.

Período: Matutino.

CARTOGRAFIA TEMÁTICA

Cartografia: é a ciência que trata da concepção, produção, difusão, utilização e estudo dos mapas. O vocábulo foi pela primeira vez proposto pelo historiador português Manuel Francisco Carvalhosa, onde Visconde de Santarém, numa carta datada de 8 de Dezembro de 1839, de Paris, e endereçada ao historiador brasileiro Francisco Adolfo. Das muitas definições usadas na literatura, colocamos aqui a atualmente adaptada pela Associação Cartográfica Internacional (ACI):

Conjunto dos estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que intervêm na elaboração dos mapas a partir dos resultados das observações diretas ou da exploração da documentação, bem como da sua utilização.

A cartografia encontra-se no curso de uma longa e profunda revolução, iniciada em meados do século passado, e certamente a mais importante depois do seu renascimento, que ocorreu nos séculos XV e XVI. A introdução da fotografia aérea e da detecção remota, o avanço tecnológico nos métodos de gravação e impressão e, mais recentemente, o aparecimento e vulgarização dos computadores, vieram alterar profundamente a forma como os dados geográficos são adquiridos, processados e representados, bem como o modo como os interpretamos e exploramos. A função dos mapas é prover a visualização de dados espaciais e a sua confecção é praticada desde tempos pré-históricos, antes mesmo da invenção da escrita. Com esta, dispomos de mapas em placas de argila sumérias e papiros egípcios. Na Grécia antiga, Aristóteles e Hiparco produziram mapas com latitudes e longitudes. Em Roma, Ptolomeu representou a Terra dentro de um círculo.

Cartografia Temática é usada na elaboração de mapas temáticos e cartogramas. São convenções, símbolos e cores usadas para que haja uma melhor compreensão do tema exposto e seu espaço geográfico. Além de indica o fenômeno e onde ele ocorre a cartografia temática também pode através de símbolos indicarem a qualidade, a quantidade e a dinâmica desses fenômenos. Para isso geralmente são usadas linhas, áreas, cores e pontos dependendo do assunto tratado. Além de indica o fenômeno e onde ele ocorre a cartografia temática também pode através de **símbolos** indicar a qualidade, a quantidade e a dinâmica desses fenômenos. Para isso geralmente são usadas linhas, áreas, cores e pontos dependendo do assunto tratado. Confira alguns dos principais elementos usados.

Para representar fenômenos que têm localização isolada devem ser usados pontos. Quando a representação é qualitativa, ou seja, apresentam tipos diferentes de uma determinada informação, usamos pontos de cores e formas diferentes. Quando são ordenados, representam valores, usamos pontos de tamanhos diferentes. Confira no mapa abaixo um bom exemplo de representação pontual.

Então Pontual – elementos cuja representação simbólica pode ser reduzida à forma de um ponto.

Os símbolos pontuais – localização exata na superfície terrestre (ponto, figuras geométricas e evocativas, que procuram retratar o elemento que está sendo mostrado) Temas: localização de vulcões, cidades, portos, aeroportos, parques ecológicos, reservas indígenas,

centros industriais, usinas hidrelétricas, jazidas minerais, distribuição da população, dentre outros.



Para demonstrar fenômenos que tem uma trajetória usamos as linhas. Quando a representação é qualitativa, as linhas devem ser diferenciadas. Para quantidades diferentes o ideal são espessuras diferentes. Confira o exemplo de representação linear. Linear - elementos que demandam um traçado (estradas, rios, correntes marinhas, ventos, etc.). Geralmente, a espessura do traço tem somente um valor convencional, considerando-se que sua largura, em muitos mapas, não tem relação com a escala do documento. Os traços podem variar em espessura, podem ser duplos e descontínuos. A descontinuidade é usada para representação de obras em realização ou projetada, elementos não materializados na natureza (como limites administrativos) e rios intermitentes. Temas: falhas geológicas, temperatura (isotermas), precipitação (isoietas), pressão atmosférica (isóbaras), ventos, correntes marinhas (quentes: vermelho; frias: azul), fluxo de transporte, estradas, rios, rede geográfica, exportação e importação, migrações, etc.

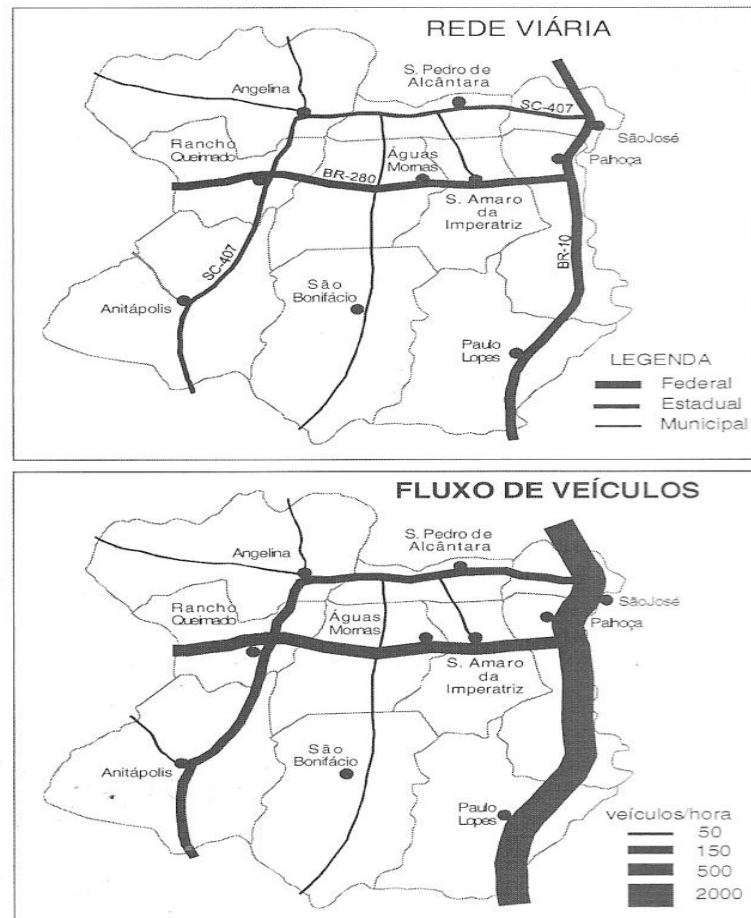
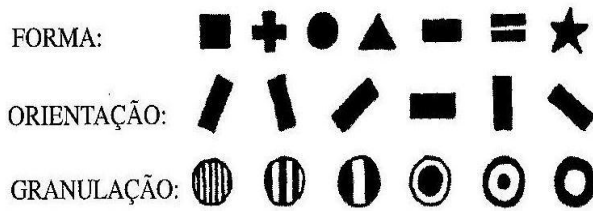


Figura 5.11 – Representações cartográficas utilizando linhas

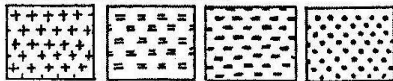
Há ainda um outro modo de representar fenômenos na Cartografia temática conhecido como as cores. Nele as forma e áreas geográficas são alteradas e apresentadas de acordo com a sua importância no assunto tratado. Confira um exemplo de mapa da população mundial onde foi usada a técnica das cores. **Modo de implantação zonal ou de superfície Cores** - elementos que ocupam certa extensão territorial. Distribuição de certo fenômeno no espaço. Temas: relevo, geologia, glaciações, clima, tipos de solos, vegetação, religiões, densidade demográfica, bacias hidrográficas, etc. **(pagina 65 do livro).**

Implantation	Pontual	Linear	Zonal
Forma ≡			
Tamanho O ≠			
Orientação ≡ ≠			
Cor ≡ ≠	Uso das cores puras do espectro ou de suas combinações. Combinação das três cores primárias cian, amarelo, magenta (tricomia).		
Valor O ≠			
Granulação ≡ ≠ O			

Valor da percepção
 ≡ associativa ≠ seletiva O ordenada Q quantitativa



ELEMENTOS PONTUAIS:



ELEMENTOS LINEARES:



COMBINADOS:



COR:



Azul Laranja Amarelo Verde

QUESTÕES:

- 1- Qual o conceito de Cartografia Temática?
- 2- A Cartografia Temática é utilizada na elaboração do que?
- 3- Quais e quantas são as variáveis (implantações) visuais?
- 4- Quais e quantas são os modos de implantação?
- 5- O que representa os mapas da página 65 do livro didático Projeto Araribá: Geografia. 9º ano?

Revisão



01. A cartografia trata-se da concepção, produção, + difusão. Ela é a representação do mundo, do espaço no papel. Para isso, são usados vários elementos para demonstrar os fenômenos, com ele são feitos mapas.

02. A Cartografia Temática é usada na elaboração de mapas temáticos e cartogramas.

03. São três variáveis espaciais: Pontual, Linear, Zonal.

04. São seis: Forma, tamanho, orientação, cor, valor e Granulação.

05. Os mapas representam o clima e a vegetação da Europa.



Colégio Estadual de Aplicação Professor Manuel Caiado.

Goiás, de Novembro de 2013.

Disciplina:

Professoras: Ana Izabela e Mirian.

Alunos (as):

Ano: 9º A.

Período: Matutino.

OS ELEMENTOS CARTOGRAFICOS

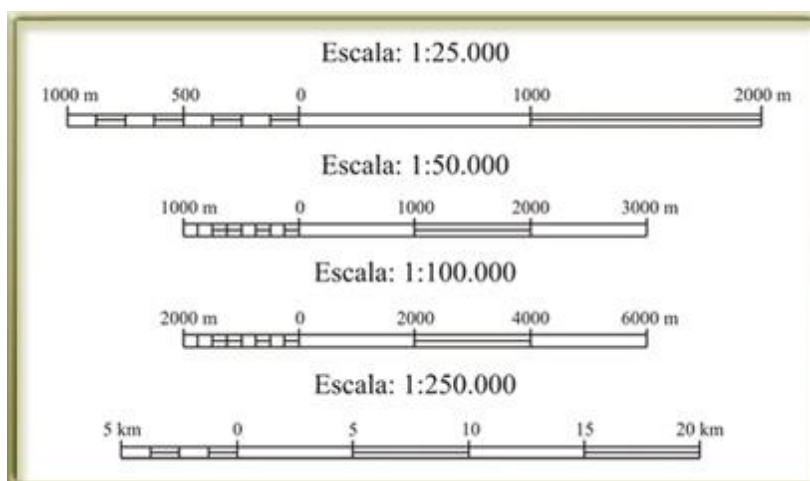
Os principais elementos cartográficos são: título escala, coordenadas geográficas e legenda.

Todo bom mapa deve conter quatro elementos principais: título escala, coordenadas geográficas e legenda. Esses elementos asseguram a leitura e a interpretação precisas das informações nele contidas.

TÍTULO: descreve a informação principal que o mapa contém. Um mapa com o título “Brasil físico” deve trazer o nome e a localização dos principais acidentes do relevo, assim como os principais rios que cortam o país. Já um mapa com o título “Brasil político” necessariamente terá a localização e o nome das unidades federativas, assim como as suas respectivas capitais e, eventualmente, outras cidades principais. Outras informações que esses mapas porventura contiverem como as principais cidades num mapa físico ou os rios mais importantes num mapa político, são consideradas secundárias e, portanto, não devem ser sugeridas no título.

ESCALA: Indica a proporção entre o objeto real (o mundo ou uma parte dele) e sua representação cartográfica, ou seja, quantas vezes o tamanho real teve de ser reduzido para poder ser representado.

A representação das escalas cartográficas que usamos até agora é a numérica. Porém, existe outra forma de representar a escala: a forma gráfica. A escala gráfica aparece sob a forma de uma reta dividida em várias partes, cada uma delas com uma graduação de distâncias. A sua utilidade é a mesma da escala numérica.



Essa escala gráfica indica que 1 centímetro no papel corresponde a 20 quilômetros na superfície representada.

COORDENADAS GEOGRÁFICAS: São linhas imaginárias traçadas sobre os mapas, essenciais para a localização de um ponto na superfície terrestre. Essa localização é o resultado do encontro de um paralelo e sua respectiva latitude (o afastamento, medido em graus, do paralelo em relação ao Equador) e de um meridiano e sua respectiva longitude (o afastamento, medido em graus, do meridiano em relação ao meridiano principal ou de Greenwich).

LEGENDAS: Permitem interpretar as informações contidas no mapa, desde a constatação da existência de um determinado fenômeno até os diferentes graus de intensidade em que ele se apresenta. As legendas podem vir representadas por cores, símbolos ou ícones de diversos tipos, ou utilizar combinações dessas várias representações.

No uso de legenda com cores, é necessário seguir algumas regras determinadas pelas convenções cartográficas. O azul, por exemplo, presta-se para a representação de fenômenos ligados à água, como oceanos, mares, lagos, rios. Na representação de um fenômeno com várias intensidades, a graduação da cor utilizada deve manter relação direta com a intensidade do fenômeno. Assim, num mapa de densidades demográficas, as maiores densidades são representadas por uma cor ou tonalidade mais forte do que as menores densidades.

Ao produzir representações cartográficas de fenômenos da natureza, as cores também podem sugerir as características do fenômeno. Em geral, os mapas climáticos utilizam as cores “quentes” (alaranjado, vermelho) para representar climas “quentes” (tropical, equatorial, desértico), ficando as cores “frias” reservadas aos climas mais frios. Similarmente, os mapas de vegetação representam as florestas tropicais por meio de várias tonalidades de verde. Já nos mapas de relevo, a cor verde deve ser reservada para as planícies, bacias ou depressões, enquanto o amarelo é utilizado para os planaltos.

QUESTÕES:

- 1-O mapa com o título Brasil Físico deve conter o que?
- 2-O mapa com o título Brasil político deve conter o que?
- 3-Procure em seu livro didático 4 mapas com escalas diferentes, colocando o título, o tipo de escalar e a página do mapa.

Colégio Estadual de Aplicação Professor Manuel Caiado.

Goiás, de Novembro de 2013.

Disciplina:

Professoras: Ana Izabela e Mirian.

Aluno (a):

Ano: 9º A.

Período: Matutino.

ORIENTAÇÕES PARA TRABALHOS PRÁTICOS

A orientação para a realização de trabalhos práticos para este capítulo introdutório é que se atente para as Variáveis Visuais em suas implantações pontual, linear e zonal, prestando atenção às respectivas Propriedades Perceptivas, o que será fundamental para o entendimento das bases da Cartografia Temática.

Os exercícios que se seguem colocam a problemática das variáveis visuais em seus três modos de implantação, em dois níveis de dificuldades.

TRABALHOS PRÁTICOS

As variáveis visuais

1. Estabeleça a variação de *TAMANHO* para as seguintes implantações pontuais:

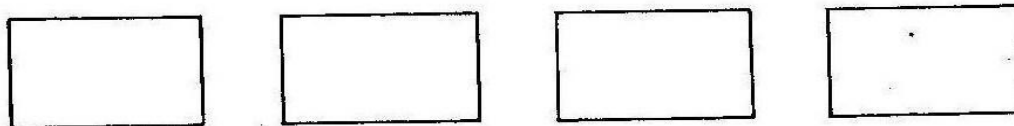


2. Estabeleça a variação de *VALOR* para as implantações:

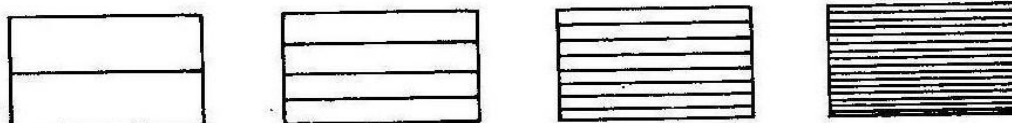
a) Pontual:



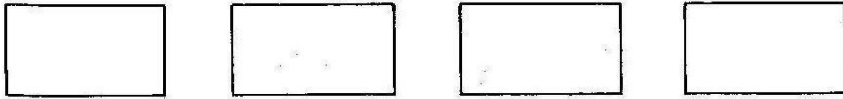
b) Zonal:



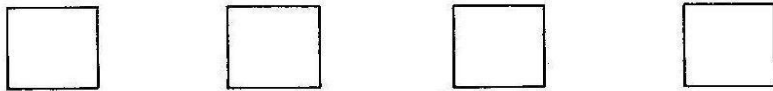
3. Estabeleça a variação de *GRANULAÇÃO* para as seguintes implantações zonais:



4. Estabeleça a variação de *COR* para as seguintes implantações zonais:



5. Estabeleça a variação de *ORIENTAÇÃO* para as seguintes implantações zonais:

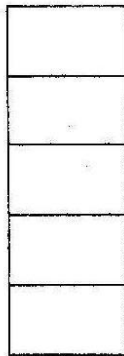
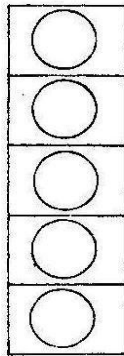
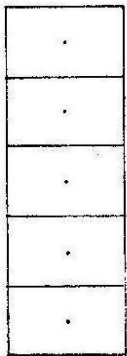


6. Estabeleça a variação de *FORMA* para as seguintes implantações pontuais:

Variáveis visuais seletivas, ordenadas e quantitativas em ponto, linha e área

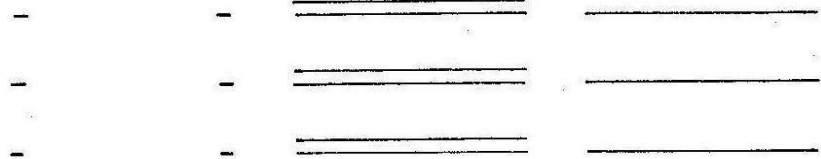
PONTO

1. Coloque nos campos, símbolos pontuais bem diferenciados (\neq)
2. Atribua aos círculos a idéia de ordem (O)
3. Coloque nos campos, quadrados de tamanhos proporcionais a: 1, 4, 9, 16 e 25. (Q)



LINHA

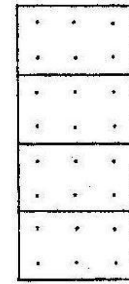
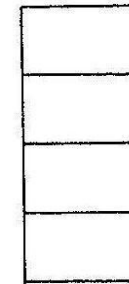
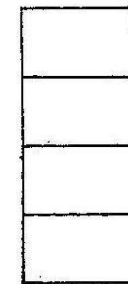
1. Represente linhas diferenciadas (\neq)
2. Atribua aos traços a idéia de ordem (O)
3. Represente linhas com espessuras proporcionais a: 2, 4, 8, (Q)



ÁREA

1. Coloque nos campos texturas bem diferenciadas (\neq)
2. Coloque nos campos texturas de linhas que dêem idéia de ordem (O)
3. Coloque os símbolos:
 -
 -
 -
 -

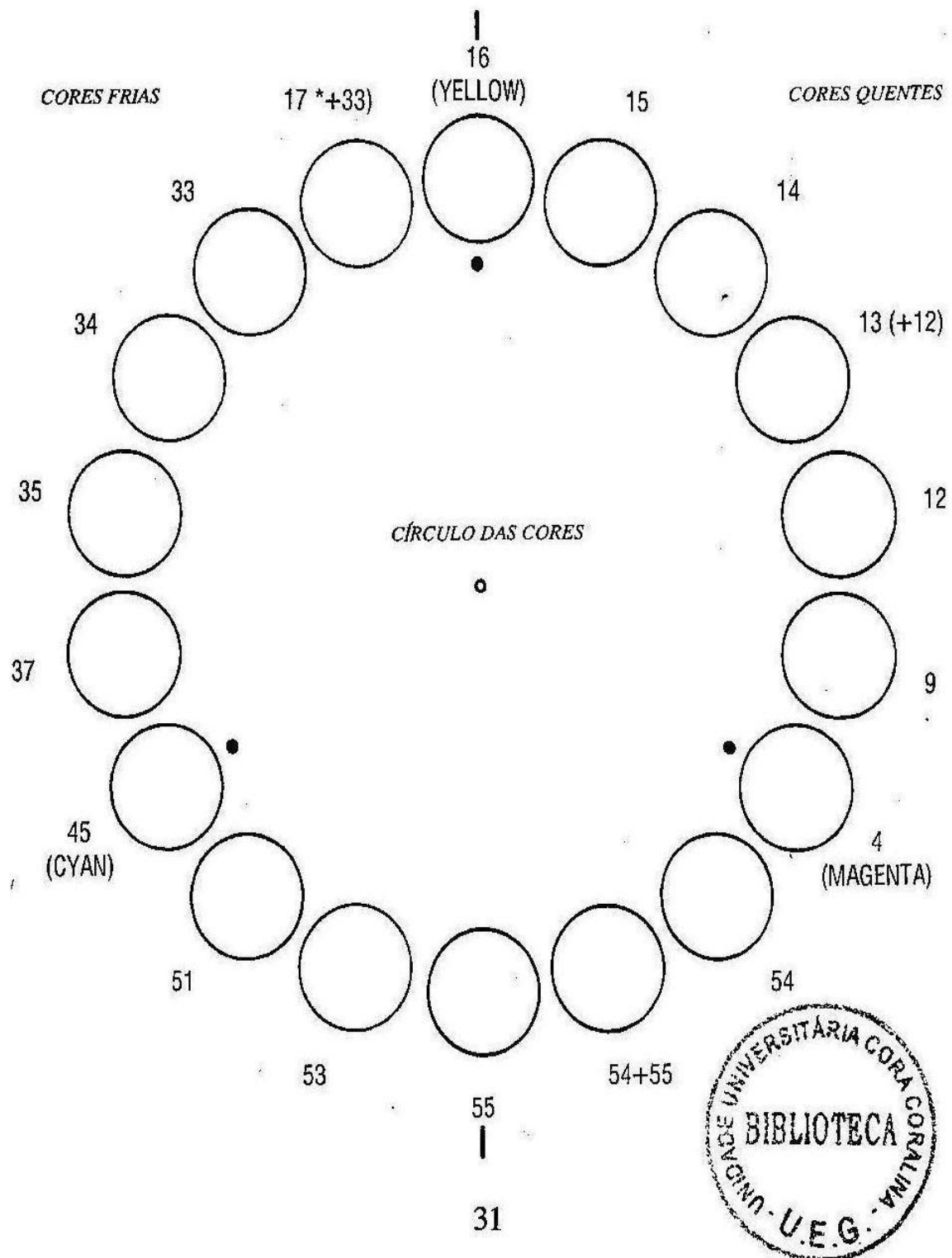
respectivamente, de valores: 1, 3, 5, 8, nos campos, de forma que os totais satisficam a:



- A = 6
- B = 18
- C = 30
- D = 48

O círculo das cores

Servindo-se desta prancha e da seguinte, construa o círculo das cores, o qual servirá para resolver os exercícios seguintes (colorir as pastilhas conforme a indicação do número do lápis: 24 lápis de cor Multicolor Faber-Castell.)



Colégio Estadual de Aplicação Professor Manuel Caiado.
Goiás, de Novembro de 2013.

Disciplina:

Professoras: Ana Izabela e Mirian.

Aluno (a):

Ano: 9º A.

Período: Matutino.

1-Elabore um título para o mapa, faça uma legenda para ele.



2-Construa uma legenda para o mapa.



3-Coloque no mapa símbolos pontuais bem diferentes representando as Regiões do Brasil.
E em seguida faça uma legenda.



4-Identifique no mapa as Regiões atribuindo traços dando uma ideia de ordem e elabore uma legenda.



Colégio Estadual de Aplicação Professor Manuel Caiado.

Goiás, 20 de Novembro de 2013.

Disciplina: *Geografia*

Professoras: Ana Izabela e Mirian.

Alunos (as): *Klaysia Brenda e Uriel Augusto*.

Ano: 9º A.

Período: Matutino.

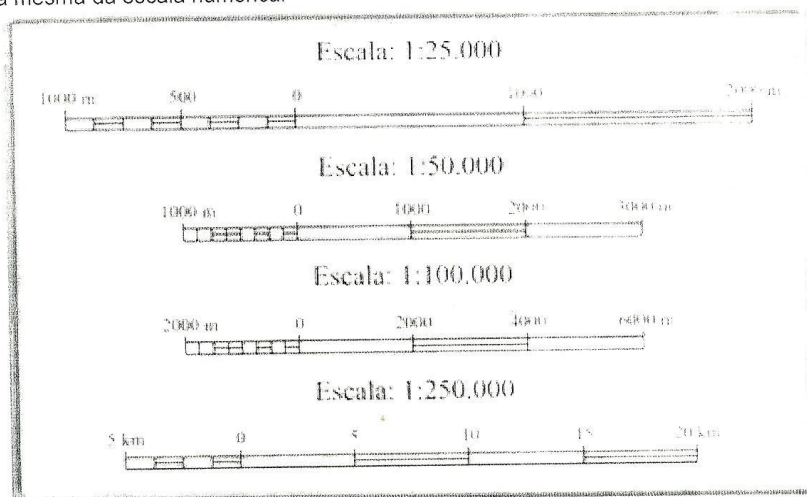
OS ELEMENTOS CARTOGRAFICOS

Os principais elementos cartográficos são: título escala, coordenadas geográficas e legenda.

Todo bom mapa deve conter quatro elementos principais: título escala, coordenadas geográficas e legenda. Esses elementos asseguram a leitura e a interpretação precisas das informações nele contidas.

TÍTULO: descreve a informação principal que o mapa contém. Um mapa com o título "Brasil físico" deve trazer o nome e a localização dos principais acidentes do relevo, assim como os principais rios que cortam o país. Já um mapa com o título "Brasil político" necessariamente terá a localização e o nome das unidades federativas, assim como as suas respectivas capitais e, eventualmente, outras cidades principais. Outras informações que esses mapas porventura contiverem como as principais cidades num mapa físico ou os rios mais importantes num mapa político, são consideradas secundárias e, portanto, não devem ser sugeridas no título.

ESCALA: Indica a proporção entre o objeto real (o mundo ou uma parte dele) e sua representação cartográfica, ou seja, quantas vezes o tamanho real teve de ser reduzido para poder ser representado. A representação das escalas cartográficas que usamos até agora é a numérica. Porém, existe outra forma de representar a escala: a forma gráfica. A escala gráfica aparece sob a forma de uma reta dividida em várias partes, cada uma delas com uma graduação de distâncias. A sua utilidade é a mesma da escala numérica.



Essa escala gráfica indica que 1 centímetro no papel corresponde a 20 quilômetros na superfície representada.

COORDENADAS GEOGRÁFICAS: São linhas imaginárias traçadas sobre os mapas, essenciais para a localização de um ponto na superfície terrestre. Essa localização é o resultado do encontro de um paralelo e sua respectiva latitude (o afastamento, medido em graus, do

paralelo em relação ao Equador) e de um meridiano e sua respectiva longitude (o afastamento, medido em graus, do meridiano em relação ao meridiano principal ou de Greenwich).

LEGENDAS: Permitem interpretar as informações contidas no mapa, desde a constatação da existência de um determinado fenômeno até os diferentes graus de intensidade em que ele se apresenta. As legendas podem vir representadas por cores, símbolos ou ícones de diversos tipos, ou utilizar combinações dessas várias representações.

No uso de legenda com cores, é necessário seguir algumas regras determinadas pelas convenções cartográficas. O azul, por exemplo, presta-se para a representação de fenômenos ligados à água, como oceanos, mares, lagos, rios. Na representação de um fenômeno com várias intensidades, a graduação da cor utilizada deve manter relação direta com a intensidade do fenômeno. Assim, num mapa de densidades demográficas, as maiores densidades são representadas por uma cor ou tonalidade mais forte do que as menores densidades.

Ao produzir representações cartográficas de fenômenos da natureza, as cores também podem sugerir as características do fenômeno. Em geral, os mapas climáticos utilizam as cores "quentes" (alaranjado, vermelho) para representar climas "quentes" (tropical, equatorial, desértico), ficando as cores "frias" reservadas aos climas mais frios. Similarmente, os mapas de vegetação representam as florestas tropicais por meio de várias tonalidades de verde. Já nos mapas de relevo, a cor verde deve ser reservada para as planícies, bacias ou depressões, enquanto o amarelo é utilizado para os planaltos.

QUESTÕES:

1-O mapa com o título Brasil Físico deve conter o que?

2-O mapa com o título Brasil político deve conter o que?

3-Procure em seu livro didático 4 mapas com escalas diferentes, colocando o título, o tipo de escalar e a página do mapa.

01. Deve trazer o nome e a localização das principais cidades do relevo, assim como os principais rios que cortam o Brasil.

02. Deve conter a localização e o nome das unidades federativas, assim como as suas respectivas e eventualmente outras cidades principais.

03. Página 179. Título = África: regionalização. Escala gráfica (700 km).
Página 178. Título = África: climas. Escala gráfica (890 km).
Página 180. Título = O Sacl. Escala gráfica (1.580 km).
Página 198. Título = África: continentes. Escala gráfica (1.120 km).

Colégio Estadual de Aplicação Professor Manuel Caiado.

Goiás, 20 de Novembro de 2013.

Disciplina: Geografia

Professoras: Ana Izabela e Mirian.

Aluno (a): Bruno Santana

Ano: 9º A.

Período: Matutino.

ORIENTAÇÕES PARA TRABALHOS PRÁTICOS

A orientação para a realização de trabalhos práticos para este capítulo introdutório é que se atente para as Variáveis Visuais em suas implantações pontual, linear e zonal, prestando atenção às respectivas Propriedades Perceptivas, o que será fundamental para o entendimento das bases da Cartografia Temática.

Os exercícios que se seguem colocam a problemática das variáveis visuais em seus três modos de implantação, em dois níveis de dificuldades.

TRABALHOS PRÁTICOS

As variáveis visuais

1. Estabeleça a variação de *TAMANHO* para as seguintes implantações pontuais:



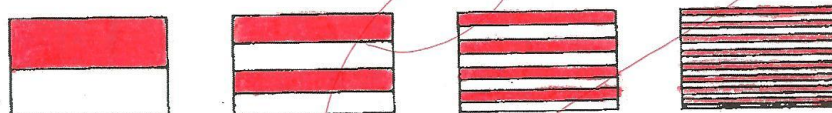
2. Estabeleça a variação de *VALOR* para as implantações:
a) Pontual:



- b) Zonal:



3. Estabeleça a variação de *GRANULAÇÃO* para as seguintes implantações zonais:



4. Estabeleça a variação de **COR** para as seguintes implantações zonais:



5. Estabeleça a variação de **ORIENTAÇÃO** para as seguintes implantações zonais:



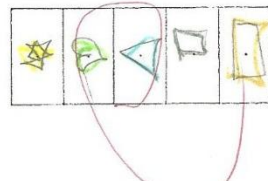
6. Estabeleça a variação de **FORMA** para as seguintes implantações zonais:



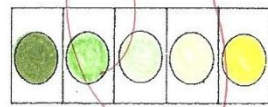
Variáveis visuais seletivas, ordenadas e quantitativas em ponto, linha e área

PONTO

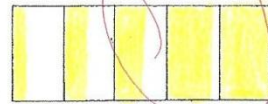
1. Coloque nos campos, símbolos pontuais bem diferenciados (#)



2. Atribua aos círculos a idéia de ordem (O)

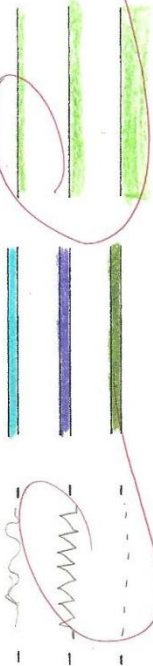


3. Coloque nos campos, quadrados de tamanhos proporcionais a: 1, 4, 9, 16 e 25. (Q)

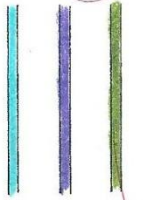


LINHA

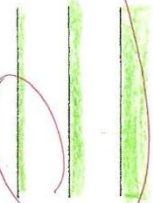
1. Represente linhas diferenciadas (#)



2. Atribua aos traços a idéia de ordem (O)

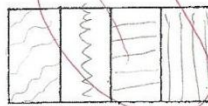


3. Represente linhas com espessuras proporcionais a: 2, 4, 8, 16 (Q)

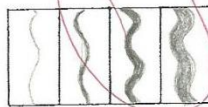


ÁREA

1. Coloque nos campos texturas bem diferenciadas (#)



2. Coloque nos campos texturas de linhas que dêem idéia de ordem (O)

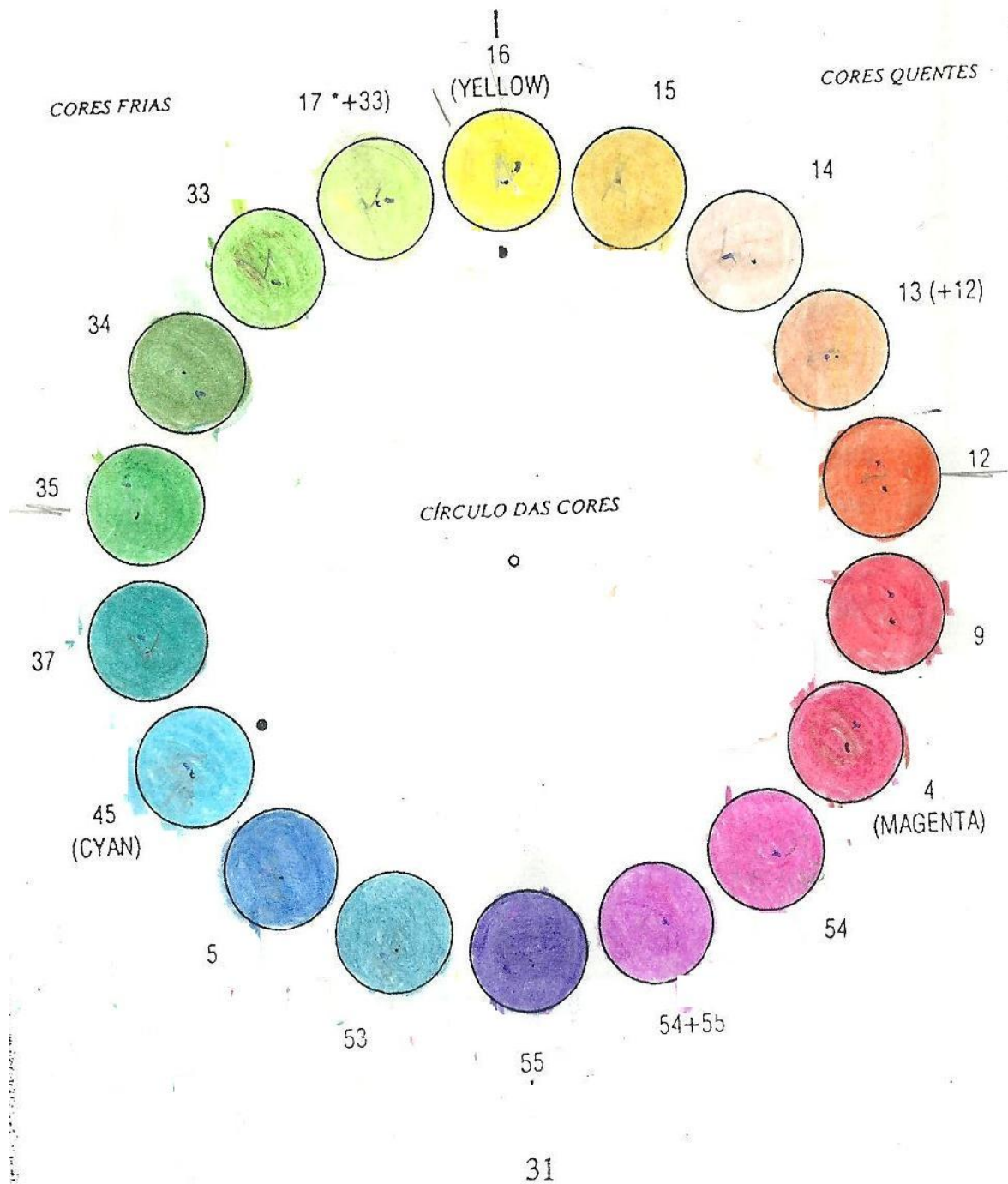


3. Coloque os símbolos: respectivamente, de valores: 1, 3, 5, 8, nos campos, de forma que os totais satisfaçam a:

•	••	•••	••••	•••••
A = 6	B = 18	C = 30	D = 48	

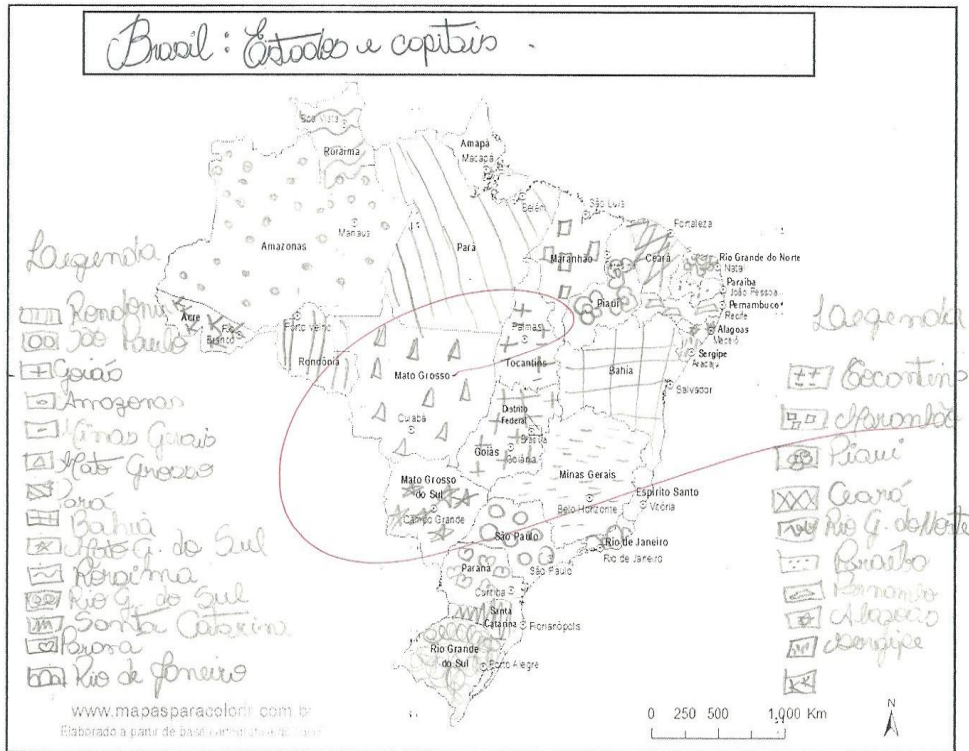
O círculo das cores

Servindo-se desta prancha e da seguinte, construa o círculo das cores, o qual servirá para resolver os exercícios seguintes (colorir as pastilhas conforme a indicação do número do lápis: 24 lápis de cor Multicolor Faber-Castell.)

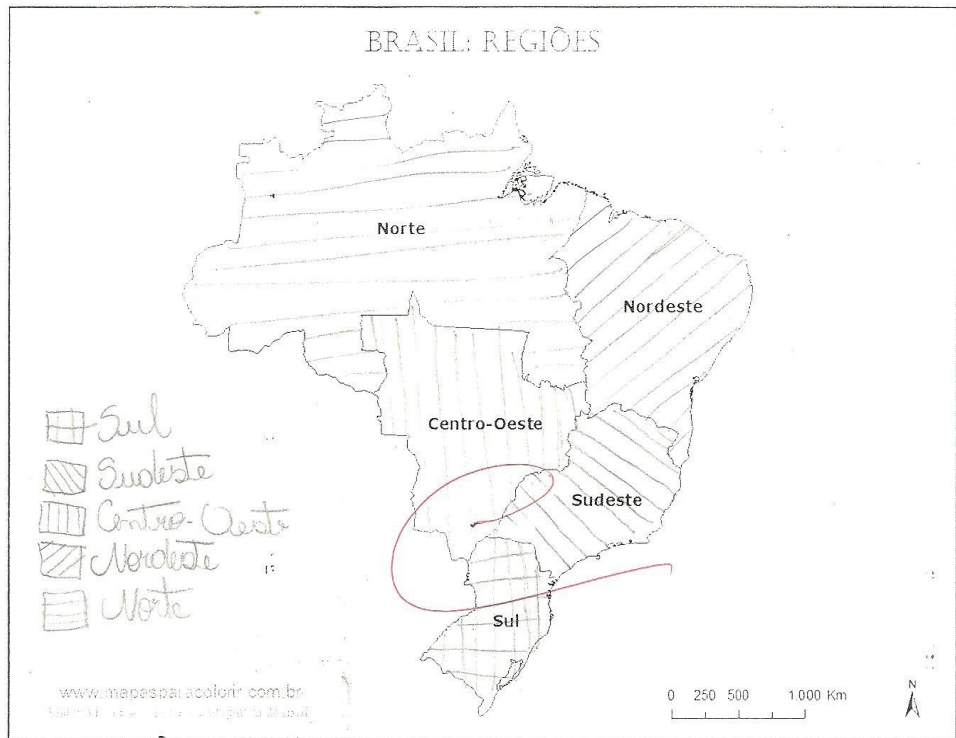


Colégio Estadual de Aplicação Professor Manuel Caiado.
 Goiás, 22 de Novembro de 2013.
 Disciplina: Geografia
 Professoras: Ana Izabela e Mirian.
 Aluno (a): *Kissia Brenda*
 Ano: 9º A.
 Período: Matutino.

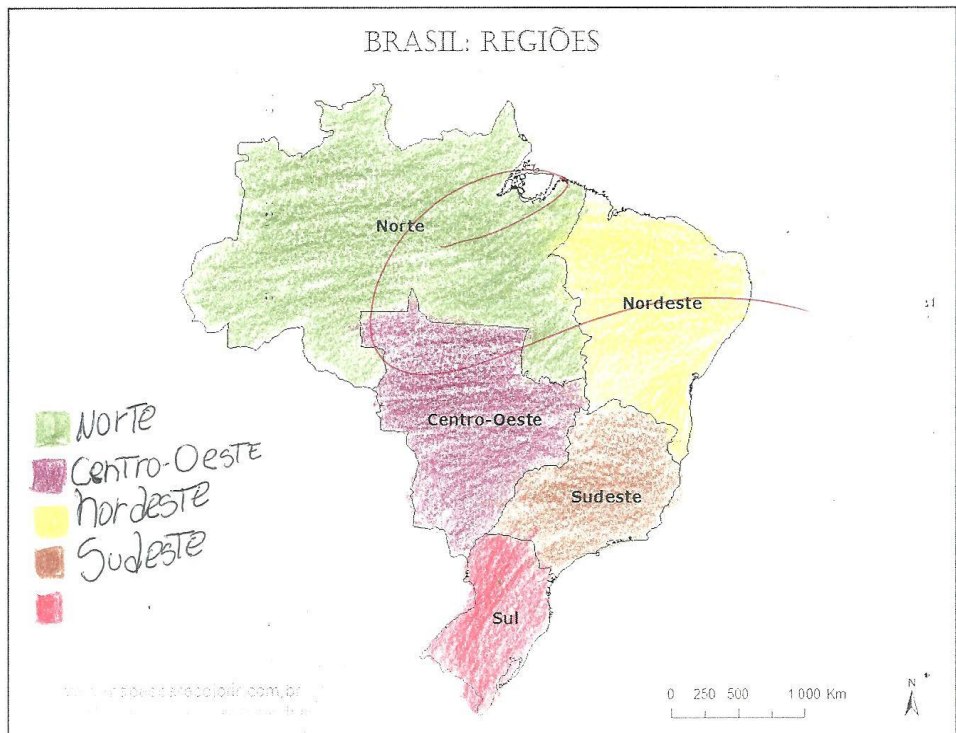
1-Elabore um título para o mapa, faça uma legenda para ele.



3 - Coloque no mapa símbolos pontuais bem diferentes.



4-Identifique no mapa as Regiões atribuindo traços dando uma ideia de ordem e elabore uma legenda.



Projeto da escola no Chopriz

Portal
do AZZA

belas
artes

Chopriz

progd

Geracao
Santa

POSTO

COLÉGIO

N

